



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
PRÓ – REITORIA DE PÓS – GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

JAILTON BARBOSA DE SOUSA

O USO DE SINÔNIMOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS DE OPINIÃO NO 9º ANO
ENSINO FUNDAMENTAL

GUARABIRA
2020

JAILTON BARBOSA DE SOUSA

**O USO DE SINÔNIMOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS DE OPINIÃO NO 9º ANO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção de título de mestre em letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Professora Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino

GUARABIRA - PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S567u Sousa, Jailton Barbosa de.
O uso de sinônimos na produção de artigos de opinião no 9º ano Ensino Fundamental [manuscrito] / Jailton Barbosa de Sousa. - 2020.
121 p.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino, Departamento de Letras - CH."
1. Sinônimos. 2. Artigo de opinião. 3. Produção escrita. 4. Ensino. I. Título
21. ed. CDD 372.362

JAILTON BARBOSA DE SOUSA

**O USO DE SINÔNIMOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS DE OPINIÃO NO 9º ANO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção de título de mestre em letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Aprovada em: 28 / 02 / 2020.

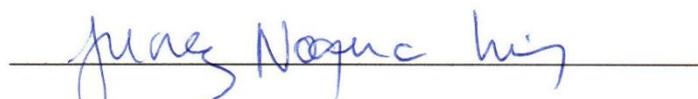
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (PROFLETRAS - UEPB)



Profa. Dra. Laurênia Souto Sales (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Examinador interno)
Universidade Estadual da Paraíba (PROFLETRAS - UEPB)

Dedicação

Aos meus estimados alunos que com simplicidade e apreço tornaram possível a construção e a realização desse sonho.

A todos vocês, meus queridos que acreditaram ser possível que com perseverança e dedicação existe a possibilidade de se construir o conhecimento de forma crível e concreta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me guiado e orientado em todos os estágios que configuraram a minha trajetória para a conclusão desse trabalho. Pelas forças renovadas em momentos que elas pareciam desvanecer. A Ele toda honra e todo louvor!

Agradeço a meus preciosos pais Geraldo Barbosa de Sousa e Noêmia Maria Barbosa pelo incentivo e aconselhamentos, que me serviram bastante nessa trajetória tão difícil, porém prazerosa, pois me proporcionou a realização de uma grande aspiração.

À minha querida esposa Célia Lins Barbosa e aos meus filhos Álefe Guimel e Filipe Lins pelas palavras de compreensão e pelo incentivo nos momentos em que as barreiras se ergueram, o que me ajudou a superar, amo todos eles.

De modo especial à professora Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino, minha orientadora, pelos direcionamentos, pelas leituras atentas, pela paciência as minhas limitações de leitor e escritor de textos acadêmicos e, acima de tudo, por ter contribuído para o meu crescimento intelectual e ter fomentado em mim um espírito investigativo.

Aos professores do PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, Campus Guarabira, pelas contribuições teóricas ofertadas e pelas aulas proferidas no intuito de fomentar em nós o espírito investigativo, sem, no entanto, desvencilharmos das nossas práticas de sala de aula. Nosso profunda gratidão pelos exemplos de mestres empenhados no fazer pedagógico com qualidade e por nos fazer acreditar em dias melhores para a educação.

Meus profundos agradecimentos à Coordenação do Profletras, Campus III, pela dedicação e apoio em momentos cruciais durante a nossa trajetória acadêmica.

A meus colegas que compuseram a quinta turma, em especial, a Maria anunciada, Ademir Alves, Ivan Alexandrino e Janaina Rossana, pelo companheirismo em todos os momentos, que Deus aplaine o caminho de todos.

À Secretaria de Educação do Município de Brejo da Madre de Deus – PE, pelo consentimento para que a pesquisa fosse realizada.

À minha diretora Georgina de Oliveira Silva, pelo incentivo e apoio em todos os estágios em que a pesquisa foi desenvolvida, bem como aos meus prezados colegas professores pelas palavras de incentivo.

A cada um que fez parte desse momento tão especial, que ficará registrado por toda a minha existência.

“A leitura traz ao homem plenitude, o discurso segurança e a escrita precisão.”

Francis Bacon

RESUMO

O estudo do léxico voltado para o ensino dos sinônimos tem se constituído um interesse secundário nas atividades do ensino, realizado de forma irrelevante e pouco significativo do ponto de vista dos usos sociodiscursivos da língua. Dessa forma, ainda é vigente a concepção do seu uso através de exercícios cujo objetivo é formar frases soltas ou de substituir palavras em pares de frases, atribuindo-lhes um certo valor de equivalência semântica. Tendo em vista essas dificuldades, achou-se relevante estudar os sinônimos, não como palavras isoladas, mas como expressões que mostrassem relações de contiguidade quando aplicadas em um dado contexto. Assim, a presente pesquisa objetivou estudar o uso de sinônimos, dentro de uma perspectiva coesiva, na produção de textos de artigo de opinião, numa turma de nono ano de uma escola municipal de Brejo da Madre de Deus – PE. Para isso, este trabalho fundamentou-se na concepção de Antunes (2016, 2012, 2010, 2009, 2007), que aborda os sinônimos dentro de uma perspectiva coesiva, o que inclui a exploração de palavras semanticamente afins, a partir de um determinado contexto. Dentro da mesma perspectiva, contou-se com as contribuições de Koch e Elias (2014, 2017), Koch (2016), Ilari (2002), dentre outros. Neste sentido, este trabalho desenvolveu uma pesquisa-ação de cunho interventivo ao se utilizar de uma metodologia que buscou o estudo do uso de sinônimos a partir oficinas de leitura e produção de textos através de uma sequência de atividades, tendo como veículo o artigo de opinião. Neste aspecto, para o estudo dos sinônimos, o processo interventivo envolveu etapas como a leitura, interpretação, planejamento, escrita e reescrita. Para desenvolver essas oficinas, usou-se como referência o aporte teórico de Faraco e Terza (2014), Abaurre (2007), Bortoni-Ricardo (2008), dentre outros. Dessa forma, esta pesquisa foi de grande proeminência para os alunos do nono ano do ensino regular, pois contribuiu, através da metodologia proposta, para que eles ampliassem seu repertório linguístico, aliado ao repertório que adquiriram durante as atividades.

Palavras-chave: Sinônimos. Artigo de opinião. Produção escrita. Ensino

ABSTRACT

The study of the lexicon aimed at teaching synonyms has become a secondary interest in teaching activities, carried out in an irrelevant and insignificant way from the point of view of the sociodiscursive uses of the language. Thus, the concept of its use is still valid through exercises whose objective is to form loose sentences or to substitute words in pairs of sentences, assigning them a certain value of semantic equivalence. In view of these difficulties, it was found relevant to study the synonyms, not as isolated words, but as expressions that is how contiguity relations when applied in a given context. Thus, this research aimed to study the use of synonyms, within a cohesive perspective, in the production of opinion article texts, in a ninth grade class at a municipal school in Brejo da Madre de Deus - PE. For this, this work was based on the conception of Antunes (2016, 2012, 2010, 2009, and 2007), that addresses synonyms within a cohesive perspective, which included the exploration of semantically related words, from a given context. Within the same perspective, there were contributions from Koch and Elias (2014, 2017), Koch (2016), Ilari (2002), among others. In this sense, this work developed an action research of an interventional nature when using a methodology that sought the study of the use of synonyms from reading and text production workshops through a sequence of activities, using the opinion article as a vehicle. In this respect, for the study of synonyms, the intervention process involved stages such as reading, interpretation, planning, writing and rewriting. To develop these workshops, the theoretical contribution of Faraco and Terza (2014), Abaurre (2007), Bortoni-Ricardo (2008), among others, was used as a reference. Thus, this research was of great prominence for students in the ninth year of regular education, as it contributed, through the proposed methodology, so that they could expand their linguistic repertoire, combined with the repertoire they acquired during activities.

Keywords: Synonyms. Opinion article. Written production. Teaching

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1.INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. O PERCURSO DOS SINÔNIMOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA | 16 |
| 2.1 O ensino de sinônimos em algumas gramáticas tradicionais | 18 |
| 2.2 O uso de sinônimos e o ensino de língua contextualizada | 21 |
| 2.3 A escolha de sinônimos na produção de textos | 26 |
| 3. O ENSINO DA ESCRITA COMO PRÁTICA COMUNICATIVA | 30 |
| 3.1 Concepções de escrita no ensino da produção de textos | 30 |
| 3.2 Os gêneros textuais e o uso de sinônimos no artigo de opinião | 37 |
| 4. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 42 |
| 4.1 A natureza da pesquisa | 42 |
| 4.2 O contexto da pesquisa: escola campo e colaboradores | 44 |
| 4.3 Procedimentos da pesquisa para coleta de dados | 45 |
| 4.4 Intervenção | 47 |
| 4.4.1 Apresentação da proposta | 47 |
| 4.4.2 Introdução da proposta | 47 |
| 4.4.3 Leitura | 48 |
| 4.4.4 Interpretação | 48 |
| 4.4.5 Planejamento do texto | 48 |
| 4.4.6 Produção escrita orientada | 49 |
| 4.4.7 Produção da reescrita | 49 |
| 5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA INTERVENÇÃO | 51 |
| 5.1 Análise dos dados | 62 |

| | |
|---|------------|
| 5.1.2 O emprego dos sinônimos como elemento de coesão | 64 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| REFERÊNCIAS | 92 |
| ANEXOS | 94 |
| APÊNDICES | 111 |

1. INTRODUÇÃO

O estudo do léxico voltado para o ensino dos sinônimos tem se constituído um interesse secundário nas atividades do ensino dentro do contexto de algumas escolas, realizado de forma irrelevante e pouco significativo do ponto de vista dos usos sociodiscursivos da língua. Dessa forma, como retratada geralmente nas gramáticas tradicionais, ainda é vigente a concepção do seu ensino através de exercícios cujo objetivo é formar frases soltas ou de substituir palavras em pares de frases, atribuindo-lhes um certo valor de equivalência semântica. Neste sentido, tais exercícios tornam-se irrelevantes e impróprios para o processo do conhecimento e não contribui em nenhum aspecto para a construção de sentido, muito menos favorece a interação.

No entanto, entendemos que o estudo dos sinônimos, como qualquer outro componente da língua, precisa ser realizado no âmbito do texto, pois é a partir dele (do texto) que se revela a intenção da escolha dessa ou daquela palavra como parte do processo interativo.

Dessa forma, a presente pesquisa se justificou ao percebermos que grande parte dos alunos dessa série se encontrava com dificuldades para usar os sinônimos de forma adequada quando foram solicitados para redigir um texto. Neste contexto, a maioria costumava usar repetições de palavras aleatórias, não na intenção de usá-las como um elemento coesivo, mas por não ter um repertório linguístico adequado para utilizá-las de acordo com o gênero e o assunto exigidos.

Neste sentido, tornou-se relevante o estudo da sinonímia, não como um aglomerado de palavras, isoladas e desprovidas de um contexto textual, como propõe, de forma geral, a gramática normativa, através de seus representantes mais “ferrenhos”, mas pela função que eles podem desempenhar quando aplicados com adequação ao texto.

A partir desse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo geral estudar o uso de sinônimos, dentro de uma perspectiva coesiva, na produção de textos de artigo de opinião, numa turma de nono ano de uma escola municipal de Brejo da Madre de Deus – PE.

Além disso, adotamos como objetivos específicos apresentar o conceito de sinônimos a partir de uma concepção coesiva; observar o uso de sinônimos ocorridos durante a produção escrita dos alunos; apresentar o conceito, a estrutura, a linguagem e o meio de circulação do artigo de opinião; realizar oficinas de textos sequenciadas através de planejamentos sistemáticos envolvendo atividades de leitura e escrita; comparar os textos dos alunos antes e depois da aplicação das oficinas, observando na produção final dos educandos se foram ou não aplicados os sinônimos a partir da concepção adotada e das discussões ocorridas em sala de aula.

Para que essa proposta fosse alcançada, tornou-se necessário antes explicar aos alunos não só a estrutura, a linguagem e a função social do gênero artigo de opinião, mas também observar as adequações dos sinônimos ocorridos em textos variados desse gênero, suas possíveis variantes linguísticas, que geralmente ocorrem de acordo com o interlocutor e o assunto abordado. Ademais se tornou viável para essa proposta a realização de oficinas de textos, afim de que esses mesmos alunos, na sua praticidade com a escrita, escolhessem as palavras que iriam usar em sua produção, no intuito de cumprir um propósito interativo.

Além disso, podemos observar que as gramáticas normativas apresentadas nesta pesquisa adotaram uma análise linguística dos sinônimos no âmbito da frase, como elemento apenas de substituição. Todavia, quando analisados à luz do texto, o valor semântico desses sinônimos nem sempre corresponde à palavra substituída.

Dentre os gramáticos tradicionais pesquisados, podemos destacar Cegalla (2008); Almeida (1986); Sacconi (1989); Infante (1996) que tratam os sinônimos de forma “simplista” não levando em conta a função e o desempenho que eles exercem no texto.

Adotando uma concepção contrária à gramática tradicional, linguistas como Schocair (2006); Ilari (2002); Seide e Hintze (2015) e Ferrarezi Júnior (2008) defendem que só existem sinônimos perfeitos contextuais e apontam que eles não pode ser ensinado simplesmente como um subsistema autônomo, não dinâmico e estático.

Para o desenvolvimento do arcabouço teórico dessa pesquisa, nos embasamos às concepções de Antunes (2016, 2012, 2010, 2009, 2008, 2007), que nos faz enxergar o léxico, especialmente os sinônimos, dentro de uma perspectiva coesiva que inclui a exploração de palavras semanticamente afins a partir do texto. Koch e Elias (2017, 2014) e Koch (2016), por sua vez, abordam a construção do texto como resultado parcial de uma atividade comunicativa, que compreende processos envolvendo operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que podem ser postas em ação, resultando em situações concretas de interação social.

Neste sentido, Geraldi (2011) mostrou que o uso vocabular na construção do texto aponta tanto problemas relativos ao emprego inadequado de uma palavra que não significa o que o autor está querendo dizer, como também problemas relativos à variação linguística. Na mesma perspectiva, Bezerra (2000) e Marcuschi (2008) mostram as dificuldades dos alunos ao escolherem as palavras apropriadas de acordo com as situações de comunicação.

A partir desses pressupostos teóricos, defendemos neste trabalho o estudo dos sinônimos dentro de uma perspectiva coesiva, em que o texto se tornou o meio propício para a sua aplicação. Neste aspecto, foi pertinente trabalhá-los, tendo em vista as dificuldades que os alunos apresentaram em usá-los com adequação no momento da produção, apresentando, dentre outros motivos, um repertório insuficiente pela falta de interação com textos variados através da leitura e da escrita.

Para direcioná-los à perspectiva proposta neste trabalho, adotamos uma pesquisa de cunho interventivo que se utilizou de uma metodologia que buscou produzir oficinas de textos que envolvessem o estudo do uso de sinônimos a partir de leitura, interpretação, produção e reescrita de textos do gênero artigo de opinião, baseadas nas sugestões de Faraco e Terza (2011).

A partir disso, propomos essas oficinas, tomando como referência os problemas concretos observados nos textos dos alunos em sala de aula. Neste aspecto, Faraco e Terza (2011) afirmam que o princípio de boa parte dos problemas que o estudante enfrenta na hora de produzir o seu texto, decorre da influência que

a gramática da oralidade, em sua grande variedade de registros, tem sobre a gramática da língua padrão escrita.

Dessa forma, a nossa pesquisa foi dividida em seis capítulos: o primeiro de caráter introdutório mostrou todo o percurso teórico e prático que trilhamos para consolidação do nosso estudo.

O segundo abordou o percurso dos sinônimos no ensino de língua portuguesa. Num primeiro momento, mostramos a importância de se estudar os sinônimos como um elemento de coesão, responsável pela sequência e ligação das partes do texto, sendo, dessa forma, um atribuidor de sentidos. Subsequentemente, foram mostradas as teorias que deram suporte à concepção de sinônimos adotadas por algumas gramáticas normativas pesquisadas nesse trabalho relacionadas ao seu uso e o ensino de língua materna. Como contraponto, foram apresentados pontos de vista de alguns linguísticos que mostraram a importância do estudo dos sinônimos a partir de uma concepção interativa, tendo o texto como principal instrumento de análise dos fenômenos processuais da sinonímia.

No terceiro capítulo, “o ensino da escrita como prática comunicativa”, apresentamos a construção do texto e o seu processo de interação. Nesse aspecto, percorremos as concepções de escrita que envolvem todo um processo de construção do texto. Para tanto, abordamos as teóricas de Koch e Elias (2014), que descrevem a escrita como uma atividade de produção textual que se realiza com base nos elementos linguísticos e na sua forma de organização, mas que requer, no interior do evento comunicativo, mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos do escritor, do leitor ou do que é compartilhado por ambos. Neste sentido, tratamos como essa escrita é trabalhada no gênero textual escolhido para o estudo dos sinônimos nesta pesquisa.

No quarto capítulo, tratamos dos aspectos metodológicos da pesquisa realizada, em que apresentamos as oficinas de textos propostas a partir de Faraco e Terza (2011), as quais serviram de preparação para o aluno produzir o artigo de opinião com ênfase no uso de sinônimos como recurso coesivo.

No quinto capítulo observamos o plano de ação e o processo interventivo aplicado em sala de aula. Também tratamos do processo da análise dos textos dos

alunos dentro de um viés qualitativo da pesquisa-ação. Para isso, partimos do princípio que, como sugere Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa aceita o fato de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa.

Por fim, no sexto capítulo, apresentamos as considerações finais, destacando os resultados da pesquisa de modo a refletir sobre o cumprimento do nosso objetivo neste trabalho.

2. O PERCURSO DOS SINÔNIMOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo abordamos as concepções “equivocadas” adotadas por algumas gramáticas normativas quanto ao ensino dos sinônimos na língua materna. Como veremos mais adiante, muitos gramáticos conservam a ideia de que os sinônimos são palavras com a mesma carga semântica, que podem substituir outra palavra que tenha o mesmo valor contíguo. Os linguistas por sua vez, mostram que eles devem ser ensinados dentro do texto, pois torna-se relevante para a compreensão e a construção de sentidos.

Neste aspecto, Ilari pondera da seguinte forma:

Há várias razões práticas para se estudar os fenômenos da sinonímia e da paráfrase dentre as quais se podem destacar duas: a significativa melhora na compreensão do processo de atribuição de sentidos aos sinais em uma língua natural e a melhoria da habilidade expressiva que esse estudo pode resultar. Uma pessoa hábil em utilizar palavras sinônimas e paráfrases será privilegiada na hora de produzir textos orais ou escritos, sem precisar de muitas repetições e dando maior riqueza vocabular e expressiva ao texto. (ILARI 2008, p. 158).

Neste sentido, é pertinente assegurar que para adquirir essa habilidade na utilização dos sinônimos na hora de produzir o texto, é necessária a aquisição de um repertório que possa condicionar o aluno a escolher as palavras adequadas para cumprir o propósito do gênero escolhido. Para isso, deve-se atentar para os processos que precedem essa prática como, por exemplo, o contato com variados textos através de aulas expositivas direcionadas à leitura e à prática de produção constantes desses textos.

Dessa forma, o estudo do léxico, apesar das inúmeras teorias trazidas pela linguística no âmbito do texto ou da pesquisa em geral, tem recebido pouca importância no que diz respeito ao ensino de língua materna. Tal fato se dá pelo enraizamento do ensino tradicional às práticas pedagógicas que privilegiam o ensino dos sinônimos de forma descontextualizada. A gramática normativa, de forma geral, continua sendo, segundo Geraldini (2011), o instrumento pelo qual a maioria das escolas se utiliza para embasar a sua concepção de língua no ensino de língua

materna. Não poderia ser diferente no tratamento dado ao ensino do uso de sinônimos nos exercícios contidos nesse tipo de gramática.

Quando uma instituição de ensino abarca a ideia de uma variante superior em detrimento de outras, tende a ter uma prática de ensino engessada, despida de qualquer amplitude linguística que os recursos da língua podem oferecer. Falando sobre esse tipo de concepção, comenta Geraldi:

[...] o termo língua recobre apenas uma das variedades linguísticas utilizadas efetivamente pela comunidade, à variedade pretensamente utilizada pelas pessoas cultas. É a chamada língua padrão, ou norma culta. As outras formas de falar (ou escrever) são consideradas erradas, não pertencentes à língua. (GERALDI 2011, p. 49).

Neste sentido, observamos que essa concepção de língua é apresentada como um referencial “perfeito” a ser seguido e exercitado por seus usuários tanto no âmbito da fala como no da escrita, não levando em consideração as outras variantes. Esse entendimento de língua também incide em efeito negativo quando se trata do ensino de sinônimos.

A seguir veremos como esse fenômeno da língua é tratado por algumas gramáticas normativas da língua portuguesa.

2.1 O ensino de sinônimos em algumas gramáticas tradicionais

Sob o título “Analogia vocabular” do capítulo 62 de sua gramática metódica de língua portuguesa, o gramático Napoleão Mendes de Almeida traz o que é de mais tradicional no ensino do léxico aplicado ao ensino de língua materna, ou seja, apresenta um aglomerado de palavras descontextualizadas, seguidas de suas correspondentes semânticas ou um suposto valor de equivalência, apresentando, logo em seguida, as expressões sinônimas como “palavras diferentes na forma, mas iguais ou semelhantes na significação”. Além dessa definição, o referido autor as classifica em “perfeitos” e “imperfeitos”:

- a) Sinônimos perfeitos. Léxico, vocabulário; avaro, avarento; falecer, morrer; escarradeira, cuspideira; língua, idioma; alfabeto, abecedário.

b) Sinônimos imperfeitos. Córrego, riacho; sábio, erudito; belo, formoso; bondoso, caridoso. (ALMEIDA, 1986, p. 370).

Como podemos observar o autor apresenta ao seu público os sinônimos como um amontoado de palavras soltas, sem nenhuma inserção contextual que mostre o seu uso efetivo dentro do texto.

Por sua vez, Sacconi (1989, p. 351) apresenta os sinônimos como “duas ou mais palavras que se identificam exatamente ou aproximadamente quanto ao significado”. Nesse aspecto, esse autor se assemelha ao anterior quando recepciona uma concepção de língua cuja visão é unilateral, isto é, o ensino de normas gramaticais com um fim em si mesmo. Isso fica evidenciado quando nos deparamos com exemplos como os que se seguem apresentados pelo referido autor na sua gramática: “Cara e rosto” e “aguardar” e “esperar”.

Na concepção do autor, os vocábulos *cara e rosto* têm o mesmo sentido, tratando-os neste caso como sinônimos perfeitos. Já no segundo par de palavras, ele as classifica como sinônimas imperfeitas pelo carga semântica aproximada. Todavia, não podemos esquecer que os sinônimos sempre sofrem variação de sentido ou de uso quando aplicados a um determinado contexto. No caso das palavras *cara* e *rosto*, elas podem conotar sentidos diferentes em: “A **cara** do cavalo está cheia de carrapatos. Por este motivo, **rosto** do seu dono trazia certo teor de tristeza”. Geralmente dizemos que o gladiador encarou o seu adversário “**cara a cara**”, não “**rosto a rosto**”. Vejamos mais um exemplo: —Tome vergonha na **cara**! — exclamou o pai furioso. Dificilmente usamos para essa expressão ao correspondente “**rosto**”.

Semelhantemente, Cegalla (2008, p. 310) trata dos sinônimos de forma “simplista”, não levando em conta a função e o desempenho que eles podem exercer no texto. Sua gramática reserva apenas meia página para dizer que os sinônimos “são palavras de sentido igual ou aproximado”, apresentando-os de forma descontextualizada e conglomerada, como no exemplo apresentado para “**Alfabeto, Abecedário**”; “**Brado, Grito, Clamor**”; “**Extinguir, Apagar, Abolir, íntegro, imparcial**”. Essas e outras palavras são trabalhadas pelo autor apenas como valor

de substituição, ou seja, elas não são consideradas dentro de um contexto, muito menos a outras funções que podem desempenhar dentro do texto.

O referido autor afirma ainda que os sinônimos se diferenciam por “matizes de significação”, embora sejam irmanados pelo sentido comum de substituição, ou seja, uma por outra. Logo em seguida, propõe atividades para realçar a sua perspectiva:

1. Dê sinônimos das palavras seguintes:

| | |
|------------|------------|
| Remoto | Malfadado |
| Granjear | Turbamulta |
| Inexorável | Percalço |

2. Reorganize as colunas, relacionando os sinônimos de origem latina aos de origem grega:

Adversário
Transparente
Moral
Solilóquio
Colóquio
Diálogo

3. Substitua as palavras destacadas por sinônimos:

“Os cabelos, dum curioso louro-esverdeado, iam muito bem com o tom do uniforme”. (Érico Veríssimo)

“De noite a cidade enfeitada, mas, de dia, também desilude”. (CEGALA 2008, p. 313,314).

Fica evidenciado que o gramático não se apropria do texto para analisar o uso dos sinônimos, mas aplica-os em frases soltas e descontextualizadas, para mostrar seu valor apenas de substituição e “equivalência”.

Schocair (2006, p. 23), por sua vez, afirma de forma enfática que não existem sinônimos perfeitos. Desse modo, apresenta a seguinte definição: “Sinonímia [Do gr.

Synónymon, pelo lat. Tardio synonymon] – é a relação estabelecida entre palavras de

sentidos semelhantes ou aproximadas”. Assim, para o autor, “não existem sinônimos perfeitos, apenas contextuais”. Palavras como: Brado = “grito ou clamor”; Branco = “alvo”; Honesto = leal ou pudico etc., não podem ser analisadas isoladamente, mas a partir de um dado contextual.

É interessante notar que além dos casos contextuais em que os sinônimos devem ser tratados na escrita, o citado autor aborda bem, no exemplo a seguir, os casos de sinonímia contextualizada produzida também pela oralidade:

“Uma criança de 5 anos almoçava, quando diz à sua mãe:

- Mãezinha, já tô cheio não quero mais comer...
- Não é cheio que se fala, é satisfeito. Entendeu?
- Entendi.
- Agora escova os dentinhos, vamos à casa da vovó.
- Oba! – exclamou o menino.

Já na rua, a mãe faz sinal para o ônibus que se aproxima e o menino, puxando-lhe a roupa, implora:

- Mãe, não vamos nesse não. “Tá muito satisfeito...”. (SCHOCAIR, 2006 p. 23).

De forma contextual, Infante (1996) vai apontar o ensino de sinônimos aplicados ao texto. Para isso, ele observa que os processos sinonímicos podem ocorrer com palavras que apresentam sentidos próximos, semelhante, mas não iguais (perfeitos). Nesse aspecto, o gramático vai apresentar palavras como “agradável” e “ameno”; “deleitável” e “deleitoso”; “gostoso” e “saboroso” de uma carga semântica aproximada, mas quando aplicados ao texto, podem distanciar-se no sentido.

Desse modo, o autor irá mostrar que os sinônimos não exercem apenas um valor de substituição, mas podem fazer parte do texto como elemento de coesão:

O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que se inter-relacionam as partes do texto. Observe:

Alguns segundos depois apareceu **um menino**. Era **um garoto** magro, de pernas compridas e finas. Um típico **moleque**. (INFANTE 1996, p. 514).

Neste sentido, Infante reitera que apesar de cada uma dessas palavras em destaque terem sua própria carga de significação, elas “são usadas no texto para designar um mesmo ser”, percebendo, dessa forma, que a relação de sinonímia não depende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.

Como pudemos perceber, o tratamento dado aos sinônimos pela gramática tradicional está ainda atrelado a uma concepção de língua que não atende às demandas de suas variantes, apesar de que já existem alguns gramáticos “normativos”, como os dois últimos citados anteriormente, que, de forma introvertida, começam a vê-los de uma forma mais contextual.

Portanto, é pertinente lembrar as palavras de Seide e Hintze (2015, p. 417): “o léxico não pode ser ensinado simplesmente como um subsistema autônomo, não dinâmico e estático. É preciso colocá-lo em um quadro mais amplo de organização sistêmica em função das necessidades comunicativas de seus usuários”. Está mais do que provado pelas pesquisas, artigos e tratados que a língua não é um sistema autônomo. A ela se alia um conjunto de elementos representados pela gramática, pelo léxico, pelo conhecimento enciclopédico e de mundo do usuário que propiciam o seu funcionamento. A gramática normativa não é a língua, mas apenas um componente desta e todo estudioso dela precisa ter essa percepção.

No tópico a seguir observaremos como é tratada a questão do léxico, em especial os sinônimos, por alguns autores e pesquisadores linguísticos.

2.2 O uso de sinônimos e o ensino de língua contextualizada

Com relação ao estudo da sinonímia, é importante frisar que para a linguística não existem sinônimos perfeitos, visto que quando interagimos em diferentes contextos, pequenas alterações de sentido podem ocorrer. Vale lembrar ainda que, nesta perspectiva, escolhemos os sinônimos em nossas interações, respondendo às

mais distintas pretensões como, por exemplo, designar, reiterar, pela referência ao mesmo objeto de discurso, enfatizar, reforçar um conceito e pontuar uma diferença de sentido. Com relação à substituição de uma palavra por outra, Antunes adverte:

A substituição de uma palavra por seu sinônimo requer muito cuidado e, por isso, não chega a ter uma frequência tão alta como poderia parecer. De fato, esse tipo de substituição envolve muitas restrições de significado, pois nem mesmo aquelas palavras que, no dicionário, são tidas como sinônimas podem, sempre, ser usadas como totalmente equivalentes entre si. (ANTUNES 2010, p. 100).

Conforme já dito anteriormente, na maioria das vezes o ensino dos sinônimos é pautado em exercícios com frases diferentes em que é solicitado ao aluno substituir uma determinada palavra por seu sinônimo. Neste caso, torna-se raro o exercício da sinonímia dentro do texto. Quando se explora os sinônimos não basta trabalhá-los como mero elemento de substituição, mesmo sendo no texto, mas atentar para a (s) função (es) que eles podem desempenhar quando contextualizados.

Ferrarezi Júnior (2008, p. 157), por sua vez, abrange a questão afirmando que “nenhuma língua utiliza duas palavras ou expressões para dizer a mesmíssima coisa. [...] Por menor que seja a mudança, ela sempre ocorre quando trocamos uma palavra ou expressão por outra”. Segundo o autor, a principal necessidade para a definição da sinonímia entre duas palavras é que a palavra substituída esteja em uso efetivo, isto é, inserida em um contexto e em um cenário que permita outra que funcione de forma semelhante ali.

Para Antunes (2009), o estudo da sinonímia só é relevante, se utilizada à substituição no texto. Geraldi (2011), por sua vez, aponta os problemas de adequação vocabular quando acontece o emprego inadequado de uma palavra que não significa o que o autor está querendo dizer, como também aponta problemas concernentes à variação linguística.

Contudo, reiteramos que segundo Antunes (2007), o ensino de língua materna em algumas escolas ainda tem como prioridade as atividades direcionadas para frases soltas e períodos desconexos fora do texto. Tal resistência se dá pela prioridade do ensino da “gramática normativa” como um fim em si mesmo, neste

caso, o ensino de língua materna se resume no ensino da chamada “norma padrão” ou “cultura”. Sobre essa questão, Antunes afirma que:

[...] a língua apresenta mais de um componente (léxico e gramática), e seu uso está sujeito a diferentes tipos de regras e normas (regras de textualização e normas sociais de atuação). Restringir-se, pois, à sua gramática é limitar-se a um de seus componentes apenas. É perder de vista sua totalidade e, portanto, falsear a compreensão de suas múltiplas determinações. (ANTUNES, 2007, p. 41).

Quando usamos a língua, seja na modalidade falada, seja na modalidade escrita, atrelamos a ela mais de um componente como léxico, conhecimento enciclopédico, conhecimentos histórico-sociais etc., para que se concretize a interação entre o locutor e o seu interlocutor.

Dentro dessa perspectiva, afirmamos que para o ensino de língua materna ser eficaz, é necessário que ele se efetue em torno do texto por ser o único instrumento que compõe todos ou quase todos os elementos discursivos para uma efetiva interação. Corroborando com essa linha de pensamento, Bezerra declara:

Encontramos recomendações de que o ensino de língua portuguesa gire em torno do texto, de modo a desenvolver competências linguísticas, textuais e comunicativas dos alunos, possibilitando-lhes uma convivência mais inclusiva no mundo letrado de hoje (não no sentido de, simplesmente, aceitá-los, mas principalmente de questioná-lo, de imprimir-lhe mudanças). (BEZERRA, 2010, p. 46.).

Neste sentido, concordamos com Koch (2016, p. 26) quando afirma que o texto “pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação de situações concretas de interação social”.

Antunes (2012), por sua vez, defende a ideia de que é de suma importância, o ensino dos sinônimos dentro do âmbito textual, pois dessa forma, o leitor terá um melhor rendimento no tocante ao reconhecimento das propriedades das palavras na hora de ler e produzir o texto, bem como compreenderá os efeitos de sentido que elas proporcionarão no processo de compreensão.

Dentro dessa proposta e devidamente instruído, o aluno foi conduzido a uma percepção mais precisa no que diz respeito ao papel das palavras e sua aplicação

na organização do texto. Isso resultou na adequação vocabular ao gênero que estava sendo construído, sua modalidade, sua formalidade ou informalidade. Quando falamos de adequação vocabular, referimo-nos a escolhas de palavras que o aluno faz ao produzir o texto, se são adequados ou não ao que ele quer dizer.

Neste caso, entra em questão o repertório que o aprendiz traz e o nível de competência que este tem na hora de redigir o gênero proposto. Quanto a essa questão, Geraldi (2011, p.76) afirma que os alunos têm muitas dificuldades quanto ao uso do léxico, e quando utilizam na produção de um texto, detectam-se problemas “relativos ao emprego inadequado de uma palavra que não significa o que o autor está querendo dizer, como também problemas relativos à variação linguística”.

Diante desse quadro, surgem perguntas tais como: qual seria então o principal propósito para o estudo do léxico? E como a Escola tem tratado dessa questão tão importante? Para responder a primeira pergunta é necessário entender que a principal função do léxico é contribuir para o enriquecimento do repertório do aluno, levando-o a usá-lo de modo adequado na hora de falar, ler, compreender e escrever. Para isso, é necessário explorar os mais diversos gêneros que circulam nos meios sociais, além de um estudo contextualizado que mostre evidências funcionais variadas e não apenas se limite ao ensino mecânico e simplista de palavras que supostamente se equivalem, desprovidas de um contexto, ou seja, ensina-se ao aluno palavras de aparente contiguidade semântica, mas na hora de contextualizá-las, apresentam valores semânticos divergentes. Sobre isso, Antunes faz a seguinte afirmação:

Me parece (Sic) de extrema urgência entender que, para conseguirmos a tão apregoada competência em falar, ler, compreender e escrever, é necessário conhecer, ampliar e explorar o território das palavras, tão bem e melhor do que o território da gramática. Os saberes da gramática da língua já os temos internalizado desde tenra idade. O que nunca deixa de estar sob exigências permanente de atualização são as demandas sociais por um conhecimento lexical mais vasto, mais diversificado, mais específico, capaz de cobrir as particularidades de contextos em que acontecem nossas atuações verbais. (ANTUNES, 2012, p. 14).

Neste sentido, a ampliação do repertório lexical implica em experiências que ajudam o aluno no momento em que se depara numa situação de produção.

Quanto à segunda questão, percebe-se que, atualmente, pouco se tem dado importância ao ensino do léxico nas aulas de língua portuguesa, e quando isso acontece, abrange uma dimensão morfológica ou uma dimensão semântica desprovida de qualquer contexto. Dessa forma, o léxico falta ser visto, como afirma Antunes (2012), como elemento da composição do texto, em suas funções de criar e sinalizar a expressão dos sentidos e intenções. Foi nesta perspectiva que estudamos os sinônimos neste trabalho.

No caso específico dos sinônimos, vale salientar que o seu uso deve estar ligado a uma relação de sentidos entre duas ou mais palavras. Entretanto, não devemos esquecer de que não existem sinônimos perfeitos, visto que, à medida que interagimos, pequenas alterações de sentido, algumas delas quase imperceptíveis, podem ocorrer. Falando no uso dos sinônimos no texto Antunes faz a seguinte declaração:

Jogamos com essa quase equivalência de sentido em nossas interações, respondendo às mais distintas pretensões, como: designar, reiterar, pela referência ao mesmo objeto de discurso, enfatizar, reforçar um conceito, um argumento, pontuar uma pequena diferença de sentido; enfim, estabelecer – por propósito comunicativo – um nexos qualquer de continuidade, que dá ao texto esse caráter de unidade que ele precisa ter para ser inteligível. (ANTUNES 2012, p. 35).

A referida autora ainda lembra que, no campo da sinonímia, também se pode verificar vicissitudes do léxico de uma língua, em consequência da própria ação dos sujeitos, pois ao usá-la, os sentidos das palavras vão sofrendo modificações para campos afins, ganhando novas significações. Neste caso, vale insistir que o exercício de formar frases soltas ou de substituir palavras em pares de frases é irrelevante e ineficaz exatamente porque não favorece o conhecimento explícito nem constrói uma unidade de sentido e de intenção. Neste sentido, a autora pontua mais uma vez:

A clássica perguntinha: 'Qual o significado desta palavra'? Tão a gosto dos exercícios de interpretação escolar, ilustra esse foco das análises escolares apenas nos sentidos das palavras, desconsiderando os efeitos de sentido

para o que foram escolhidas. Todo ato de linguagem é, em alguma medida, um modo de agir, no sentido de que pretende alcançar certo efeito prático. A escolha dessa ou daquela palavra está na dependência de se conseguir esses efeitos. (ANTUNES 2012, p. 43).

As escolhas lexicais que fazemos ao produzir um texto oral ou escrito constroem a nossa identidade quanto usuário da língua e nos identifica a que grupo ou comunidade a qual pertencemos.

Para Ilari (2002), a escolha entre dois sinônimos obedece a vários fatores. Dentre eles, a fidelidade ao regionalismo, já que não podemos usar para todas as regiões a mesma expressão para designar objetos, alimentos ou até mesmo fatos, conforme a citação abaixo:

A sentinela é a palavra usada em Minas Gerais para indicar a prática que, em São Paulo (e em muitas outras regiões do Brasil) se denomina velório. Conforme a região, não é possível usar livremente uma palavra pela outra, sem correr o risco de não ser compreendido. (ILARI 2002, p. 169);

Outro fator importante destacado por Ilari (2002, p. 169) é a preocupação de ressaltar as diferenças de sentido que podem assumir grande importância num discurso mais técnico. Por exemplo, prossegue o autor, “para as pessoas comuns, furto e roubo são exatamente a mesma coisa; para a lei, há uma diferença: no roubo a vítima sempre sofre algum tipo de violência”. Neste sentido, é importante conscientizar o aluno de que para cada contexto situacional e textual existe a palavra adequada a ser usada.

2.3 A escolha de sinônimos na produção de textos

É comum observarmos a pouca atenção dada ao ensino do léxico, em especial dos sinônimos nas gramáticas normativas, como já pudemos constatar na primeira parte desse texto. Tal constatação tem reflexo acentuado na maioria das salas de aula de norte a sul do Brasil. Quando se fala em trabalhar os sinônimos seja no “compêndio” gramatical, seja no livro didático, logo se direciona o aluno a substituir um aglomerado de palavras isoladas ou em frases por outras de

significados parecidos, desconsiderando assim, outras funções que elas podem desempenhar no texto. Para Antunes:

O léxico, em geral, tem recebido pouca atenção nos estudos de línguas, sobretudo no estudo da língua materna. Pelo visto, parece que os usos sociais de uma língua não requisitam, como condição de seu sucesso e de sua relevância, a utilização de um léxico, de um vocabulário específico, adequado a cada situação. Na sala de aula, as atividades com o léxico têm se limitado (com poucas exceções) à apresentação de glossários, exercícios simplistas de substituição de palavras por sinônimos, quase sempre em pares de frases ou numa perspectiva descontextualizada (frases retiradas de textos sob a forma de unidades autônomas). (ANTUNES 2009, P. 141).

A autora pontua nesta reflexão como o léxico poderia ser visto de forma mais proeminente pela escola, com base nas funções que ele (o léxico) pode desempenhar na construção e na organização do texto.

Para Koch e Elias (2017), a seleção lexical é uma das estratégias fundamental para se formar uma boa argumentação. Ela adverte que se deve ter muito cuidado na escolha do vocábulo ao produzir um texto. Esse vocábulo deve ser adequado tanto com relação ao tema que se vai desenvolver, como quanto ao destinatário, aos propósitos do enunciador e de toda a ocorrência comunicativa. A má escolha do léxico pode acarretar todo um comprometimento negativo desses elementos. Koch e Elias (2017, p. 32) reforçam essa reflexão afirmando que “muitas vezes um termo mal escolhido pode pôr a perder a força argumentativa do enunciado”.

As autoras ainda ressaltam que uma “seleção lexical adequada à situação comunicativa, ao conhecimento de mundo que pressupomos do nosso destinatário constitui um fator essencial de incremento ao poder persuasivo de nossos textos”. (p. 33).

Neste caso, as referidas linguistas avaliam que é a situação comunicativa que vai determinar o tipo de linguagem que vamos empregar para alcançar o fim interativo.

Corroborando com essa reflexão, Bezerra aponta a seguinte questão:

Em relação à produção textual, ela requer uma seleção lexical adequada ao assunto explorado, ao gênero de texto e a seu grau de formalidade. Para o escritor proficiente, essa adequação pode não causar dificuldades, tendo em vista sua proficiência linguística, no entanto, para o aprendiz, ela se apresenta como desafiadora. (BEZERRA 2000, p. 221).

A autora expõe que essa dificuldade dos alunos está justamente em acionar o valor das palavras de acordo com os registros linguísticos de seus significados culturais e de seu emprego de acordo com as situações de comunicação.

Para Marcuschi o texto não cumpre apenas um propósito informacional, mas de inserir os indivíduos em contextos sociohistóricos, permitindo que se entendam. Esses fatores precisam estar alinhados entre o sistema linguístico e seus elementos constitutivos:

Certamente, quando estudamos o texto, não podemos ignorar o funcionamento do “sistema linguístico” com sua fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e semântica; neste caso estamos apenas admitindo que a língua não é caótica e sim regida por um sistema de base. Mas ele não é predeterminado de modo explícito e completo, nem autossuficiente. Seu funcionamento vai ser integrado a uma série de outros aspectos sensíveis a muitos fenômenos que nada têm a ver com a forma diretamente. (MARCUSCHI 2008, p. 62).

Como observamos na citação, a língua não se constitui em um sistema autônomo, mas sincrônico a um conjunto de elementos externos (conhecimento enciclopédico, conhecimento de mundo, conhecimento socioculturais) e internos (repertório, conhecimento linguístico), que contribuem para que ela desempenhe sua função no meio social e cumpra um fim interativo. Como elemento linguístico importante para a constituição dos sentidos do texto, os sinônimos, quando aplicados adequadamente, proporcionarão essa sincronia com os referentes elementos, para que a constituição de sentidos no texto seja efetivada.

Ainda sobre a questão da interatividade no texto, Koch e Elias (2014) vão mostrar que o como dizer o que se quer dizer é revelador de que a escrita é um processo que envolve escolha de um gênero textual em consonância com as práticas sociais, seleção, organização e revisão das ideias para os ajustes e reajustes necessários, tendo em vista a eficiência e a eficácia da comunicação.

Neste sentido, é imprescindível que haja uma discussão em torno de tão importante tema para que a escola e seus respectivos professores possam melhorar sua prática pedagógica sobre o ensino da escrita.

3. O ENSINO DA ESCRITA COMO PRÁTICA COMUNICATIVA

Neste capítulo abordamos a questão do estudo do texto escrito e algumas concepções que giram em torno do seu ensino. Tratamos também da importância de ensinar a produção textual a partir da relação entre autor e leitor, mostrando que o texto escrito resulta da mobilização de conhecimento ativados por eles. Além disso, apresentamos como essa percepção de escrita pode ser aplicada na produção de textos como o gênero artigo de opinião. Segue-se então cada abordagem.

3.1 Concepções de escrita no ensino da produção de textos

A escrita há muito tempo tem estado presente no cotidiano das pessoas de todos os segmentos sociais. Ela tem deixado de ser exclusividade de escritores “renomados”, de jornalistas, roteiristas, editores e todos aqueles que vivem do texto. Neste sentido, escrever tornou-se imprescindível para a interação entre as pessoas, a partir de variados contextos. Assim, podemos afirmar que a prática da escrita vem se tornando um hábito para muitas pessoas.

Neste aspecto, Koch e Elias discorrem a questão da seguinte forma:

Hoje, a escrita não é mais domínio dos escritores e dos eruditos. [...] A prática da escrita de fato se generalizou: além dos trabalhos escolares ou eruditos é utilizada para o trabalho, a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica. (KOCH & ELIAS, 2014, p. 31).

Mesmo estando presente na vida diária das pessoas, ensinar a escrita não é fácil, pois existem vários aspectos subsidiados a essa prática como, por exemplo, os aspectos linguísticos, cognitivos, pragmáticos, sociohistóricos e culturais. Neste sentido, escrever não é apenas codificar um amontoado de palavras segmentadas para serem decodificadas por alguém. Alguém esse que é tão indeterminado quanto o próprio termo em si.

Quando escrevemos, visamos o tipo de interlocutor com quem iremos partilhar as nossas ideias, sentimentos, mensagens etc., se esse texto cumprirá o

propósito comunicativo para o qual foi escrito e se o leitor, por sua vez, irá extrair e construir sentidos no momento da interação.

Nessa mesma linha de pensamento, Antunes sugere que:

Escrever é, como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não se está procurando agir com outro, com alguém alguma informação, alguma ideia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto. Não tem sentido o vazio de uma escrita sem destinatário, sem alguém do outro lado da linha, sem uma intenção particular. (ANTUNES 2010, p. 28).

Quando escrevemos levamos em consideração a intenção, para quem estamos escrevendo e a funcionalidade que essa escrita pode proporcionar, para cumprir determinado propósito comunicativo. Assim, ao lidarmos com o texto escrito, somos levados a pensar no tipo de interlocutor ou leitor que idealizamos, pois quem escreve, escreve para alguém no afã de cumprir um intercâmbio de conhecimentos partilhados, para que objetivo da comunicação seja concretizado.

Sobre isso, Antunes disserta da seguinte forma:

[...] a escrita é uma atividade funcional isto é, orientada, inevitavelmente, para uma determinada finalidade; para expressão de uma intenção, de um propósito. Escreve-se para informar, narrar, definir, explicar, comentar, suscitar reflexões, defender um ponto de vista, convencer, advertir expor um tema, protestar, reivindicar e tantas outras coisas. Ninguém escreve pra nada. Inclusive, a própria organização do texto, como propõe Charaudeau (2008), depende da natureza dos propósitos comunicativos pretendidos. (ANTUNES 2016, p. 14 – 15).

Alguns escritores, contudo, já manifestaram a ideia de que o ato de escrever é considerado uma atividade solitária em que o escritor trava uma verdadeira batalha contra a falta de ideias, ausência de repertório e a insuficiência de conhecimentos do assunto que quer desenvolver.

Neste aspecto, ao tratarmos do ensino da escrita, é preciso que apresentemos aos nossos alunos elementos norteadores como o tema; os objetivos; o destinatário; o contexto de circulação; o suporte; o gênero de texto; o registro com que usamos a linguagem, dentre outros, que possam favorecer a esses aprendizes condições básicas para produzir seus textos.

Entretanto, é notório que a maioria das escolas brasileiras do ensino fundamental ainda adota um ensino de escrita pautado em “fórmulas” ou estruturas montadas espelhadas em obras literárias “clássicas” e ditadas pela gramática normativa como dito anteriormente.

Dessa forma, escrever nos moldes “tradicionais” é copiar o estilo, a forma e a estrutura referenciada pelos clássicos. Eles são estabelecidos pela sociedade escolar como um “padrão perfeito” a ser imitado e quando sai desse padrão de produção, o indivíduo é taxado de “mal” usuário da língua.

Desse modo, muitos alunos ingressam no ensino médio sem saber como redigir, nem mesmo “uma carta pessoal”, porque não lhes foi dada a oportunidade de usufruir de um ensino arrolado a uma concepção de escrita que contempla uma diversidade textual dentro de uma perspectiva que aborda os aspectos linguísticos, enciclopédicos, sociohistóricos e culturais, competências essas que proporcionam ao estudante possibilidade de interagir com o seu interlocutor de acordo com o contexto social no qual está inserido.

Neste aspecto, apesar da grande contribuição que a linguística tem dado no ensino da produção textual, encontramos ainda em várias escolas, professores presos a uma concepção de escrita que priorize o texto apenas como pretexto para o ensino de língua materna, desprovido de qualquer processo didático que leve os seus alunos a uma prática reflexiva do uso da língua. Além dessa, há muitas outras concepções de escrita “equivocadas” vinculadas ao ensino de produção textual. Koch e Elias tratam a questão da seguinte maneira:

[...] nos deparamos com definições de escrita, tais como: “escrita é inspiração”; “escrita é uma atividade para alguns poucos privilegiados (aqueles que nascem com dom e se transformam em escritores renomados)”; “escrita é expressão do pensamento” no papel ou em outro suporte; “escrita é domínio de regras da língua”; “escrita é trabalho” que requer a utilização de diversas estratégias da parte do produtor. (KOCH E ELIAS 2014, p. 32).

Além disso, as autoras apresentam outras concepções de escrita (o ensino da escrita como foco, a escrita como foco no escritor e a escrita como foco de interação) que são adotadas no ensino de língua materna voltado para a produção do texto.

A primeira concepção vai priorizar o domínio do código linguístico como critério para uma boa produção. O que predomina nesse tipo de concepção é o saber gramatical como condição para escrever bem, isto é, ter conhecimento gramatical é de suma importância para que se tenha domínio da escrita. Tal entendimento, quando assimilada como prática de ensino, reflete no exercício pedagógico do professor. Muitos deles priorizam os “conhecimentos gramaticais” que os alunos usam na hora da produção de textos. Os docentes observam, prioritariamente, a concordância, a acentuação, a pontuação, a ortografia etc.

Neste aspecto, esses conhecimentos são importantes quando lidamos com a escrita. Um texto que tem sérios problemas de ortografia, pontuação, regência, dentre outros, pode comprometer seriamente a compreensão do leitor. No entanto, a questão é a prioridade dada a esses elementos linguísticos em detrimento de outros de igual importância como, por exemplo, os conhecimentos prévios do aluno evidenciado na produção do texto.

As referidas autoras afirmam que:

Quanto às regras da gramática, bem, houve um tempo em que era comum recomendar aos alunos baterias e baterias de exercícios sobre uso de sinais de pontuação, concordância, regência, colocação pronominal, dentre outros tópicos, esperando que o aluno exercitasse em frases as regras gramaticais e depois transferisse esse conhecimento para a produção do texto. (KOCH e ELIAS 2014, p. 32-33).

Desse modo, a concepção de escrita centrada no código não é suficiente para formar “bons” produtores de texto.

Outra prioridade dada ao ensino da escrita segundo essa concepção, é aquela pautada, como já afirmamos antes, nas obras literárias, especialmente as “clássicas”. Elas eram apresentadas costumeiramente como modelo para uma “boa” produção escrita. Logo, não seguir os moldes dos escritores clássicos era sinal de incapacidade de fazer uma produção textual que viesse atender todo um requisito escriturístico, ou seja, se o escrevente não dominasse as regras estruturais e linguísticas sugeridas pela literatura tradicional, ele não seria apto para ser um “bom escritor”.

Contrapondo a essa ideia, Antunes (2010, p. 33) declara que “escrever é uma atividade que envolve, além de especificidades linguísticas, outras, pragmáticas”. É necessário que o professor adote uma postura de ensino que envolva o trabalho com a escrita além do código, mas que contemple mecanismos como conhecimentos enciclopédicos, sociohistóricos culturais, ativação da memória etc. os quais contribuí e muito para o tear do texto.

A segunda concepção, que tem o ensino da escrita focada no escritor, traz como prioridade a “independência”, ou seja, a escrita, neste sentido, é tida como representação do pensamento. Neste ponto de vista, o leitor capta a mensagem do texto da forma que foi “mentalizada” pelo autor. O que o escritor redigiu deve ser interpretado pelo interlocutor dentro da mesma percepção, sem nenhum tipo de interação. Neste aspecto, o leitor é passivo, não é coautor nem participa na construção de sentidos do texto.

Nesta ordem, o interlocutor é apenas um receptor e reproduzidor da mensagem, não são considerados os seus conhecimentos prévios como importante mecanismo para o entendimento do texto. Não há nenhum diálogo que o leve a uma reflexão em torno da escrita. Assim, neste enfoque, a escrita é vista de forma excludente, sem nenhuma relação entre o autor e o leitor.

Tendo diferente abordagem com relação às duas primeiras concepções, a terceira tratará a escrita como interação. Nessa percepção, o texto escrito resulta da mobilização de conhecimentos ativados pelo escritor e o leitor. Neste sentido, Koch e Elias (2014) declaram que esses conhecimentos ativados no processo de escrita podem ser observados em quatro categorias: conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico, conhecimento de textos e conhecimentos interacionais.

Dentro da primeira categoria de conhecimentos ativados no processo de escrita (O conhecimento linguístico), as referidas autoras destacam os aspectos ortográficos, gramaticais e lexicais. Esses constituintes são bastante exigidos quando se trata da produção de um texto, entretanto, não devem ser trabalhados isoladamente, mas numa perspectiva interacional, isto é, em conjunto.

Destacando a importância da ortografia do ponto de vista da interação Koch e Elias tecem o seguinte comentário:

Sob uma perspectiva interacional, obedecer às normas ortográficas é um recurso que contribui para a construção de uma imagem positiva daquele que escreve, porque, dentre outros motivos, demonstra: i) atitude colaborativa do escritor no sentido de evitar problemas no plano da comunicação; ii) atenção e consideração dispensada ao leitor. (KOCH E ELIAS, p. 37).

Ainda no plano da ortografia as autoras mostram que a acentuação gráfica no plano da escrita trabalha como um recurso que funciona como um sinalizador a mais a ser considerado na produção de sentidos no texto.

Não negamos que o conhecimento das normas ortográficas é de importância crucial quando se trata da escrita, o que contribui bastante na hora de interagir com o leitor. O que não se deve considerar é a exclusividade desse componente gramatical como critério para diagnosticar um texto como “bem escrito” ou “mal escrito” ou algumas vezes, taxá-lo como um “não-texto” sem levar em consideração outros critérios de avaliação.

Com relação aos conhecimentos gramaticais Koch e Elias (2014, p. 39) destacam a importância da pontuação como sinalização entre as partes da oração. Nesta proposta, a pontuação não deve ser apenas entendida como uma função que marca a entonação e “deslocamentos sintáticos”, mas como marcas do ritmo da escrita, “através dos quais o escrevente sinaliza para o seu interlocutor as relações entre as partes da oração e uma forma preferencial de leitura”.

Entretanto, o que se vê ainda em muitas escolas é o ensino “exclusivista” da gramática como principal critério para a produção de um “bom texto”. Nesse parecer, alguns professores restringem a sua prática de avaliação a dar nota ao aluno, de acordo com o seu nível de conhecimento gramatical. Segundo eles, fora desse molde o aprendiz não será capaz de uma produção escrita “satisfatória”.

É importante ainda ressaltar que dentro dos conhecimentos linguísticos o conhecimento vocabular irá proporcionar ao produtor do texto um conjunto de recursos lexicais disponíveis na língua para a construção de palavras contextualizadas no texto. Quando nos referimos ao léxico, logo remetemos ao uso de expressões sinonímicas como elemento significativo na coesão e segmentação do texto. Neste caso, concordamos com Koch e Elias (2017, p.33) ao afirmar que “na hora de produzir um texto: uma boa seleção lexical é indispensável para tornar o

texto mais atraente, mais produtivo, mais apto a produzir efeitos desejados”. De forma semelhante, acordamos que os sinônimos poderiam ser visto com mais relevância na escola, com base nas funções que eles desempenham para a construção e organização do texto, não como um amontoado de palavras cuja função é substituir outras de sentido aproximado.

Com relação à segunda categoria (conhecimento enciclopédico), Koch e Elias (2014) destacam a importância da memória como responsável pela ativação desse conhecimento. Conhecimento esse adquirido ao longo da vida, através de leituras, do que ouvimos falar ou através de experiências diversificadas. Ao se deparar com a produção escrita, os conhecimentos enciclopédicos do aluno são ativados e levados a construir contextos responsáveis pela unidade do texto.

Outro conhecimento ativado no processo da escrita apresentado pelas autoras é o conhecimento de textos (terceira categoria). Quando lidamos com a escrita, é imprescindível que tenhamos uma noção da modalidade textual que iremos produzir, levando em consideração os elementos responsáveis pela composição e organização do texto. Ter conhecimento de conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação, contribuirá bastante para a produção textual do escrevente. Além disso, Koch e Elias (2014, p.43), vão mostrar a importância de “ressaltar que o conhecimento textual também está relacionado à presença de um texto ou mais de um texto em outro”. Nesse sentido, as autoras apresentam a intertextualidade como um princípio importante na produção textual, visto que compõe diálogos com outros textos para cumprir certo propósito de comunicação.

A quarta categoria (conhecimentos interacionais) por sua vez, traz consigo funções importantes que norteiam o aprendiz na construção do seu texto. Koch e Elias (2014, p. 44) asseveram que “além dos conhecimentos descritos, a escrita demanda ativação de modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas”. Sobre essa questão, Antunes observa que:

Se escrever se constitui uma atividade interativa, contextualmente situada e funcionalmente definida é natural que cada texto seja marcado pelas condições particulares de cada situação. Isso significa dizer que tudo o que é peculiar aos sujeitos, às suas intenções, ao contexto de circulação do texto vai-se refletir nas escolhas a serem feitas. (ANTUNES 2010, p. 34).

Desse modo, uma vez ativados, esses conhecimentos serão de vital importância para os alunos no desafio da produção escrita, pois se constituem de valor essencial para a construção de sentidos do texto, além de cumprir o propósito comunicativo e a conseqüente interação entre autor e leitor.

Essas concepções apresentadas giram em torno da noção que temos de linguagem, de texto e de sujeito-escriptor. Neste sentido, o nosso ensino de produção textual subsidiará a concepção que adquirimos de escrita associada a nossa prática pedagógica do texto.

Mediante ao exposto, observamos que apenas o conhecimento do código linguístico, apesar de importante, é insuficiente para que se cumpra a interação entre os interlocutores, precisando aquele ser aliado a um conjunto de conhecimentos ativados pelos interlocutores no processo da produção da escrita.

A seguir, tratamos dos gêneros textuais como prática de escrita e a aplicação de sinônimos na produção de artigo de opinião.

3.2 Os gêneros textuais e o uso de sinônimos no artigo de opinião

Entendemos que os gêneros textuais têm sua organização em torno de funções sociais que envolvem locutor e interlocutores definidos. Dessa forma, é de suma importância seu estudo, visto que sua dinamicidade e diversidade abrangem todo um processo dialógico e interacional da língua, levando em consideração o caráter subjetivo e social da linguagem, que deixa de ser vista apenas como estrutura que incorpora a relação social de sujeitos históricos. Dentro dessa linha de pensamento, reafirmamos que o ensino de gêneros textuais proporciona a interação entre os alunos e o seu meio social, além de levar o aprendiz a entender o próprio funcionamento da língua. Neste sentido, deve-se levar em consideração a seguinte afirmação de Marcuschi (2010, p. 34), “os textos se manifestam num ou noutro gênero textual e que um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão”.

Neste aspecto, além do conhecimento estrutural do gênero, deve-se levar em conta o tipo de linguagem que será utilizada, o meio social, cultural e histórico a que

pertence o interlocutor para que a interação entre autor e leitor seja concretizada na sua plenitude.

Todos nós, de alguma forma, estamos envolvidos com os gêneros textuais, e por estarem “entrelaçados” em nossa cultura, facilmente conseguimos distingui-los um dos outros. Sabemos diferenciar um artigo de opinião de uma poesia, ou uma narrativa de uma bula de remédio, ou mesmo aqueles que têm estrutura semelhante como no caso da carta pessoal e do bilhete e do conto para o romance. Neste sentido, Koch e Elias asseguram que,

De nossa parte, não estranhamos a “rotulação”, uma vez que essas práticas comunicativas, de tão comuns, propiciam-nos a construção de um “modelo” sobre o que são, como se definem, em que situação devemos produzi-las, a quem devem ser endereçadas, que conteúdo é esperado nessas produções em que estilo fazê-lo. (KOCH E ELIAS 2014, p. 54).

Dentro desse prisma, as autoras defendem que durante a nossa existência adquirimos uma “competência metagenérica”, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, suas características e função. Desse modo:

O contato com textos da vida cotidiana, como anúncios, avisos de toda ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guia turísticos, manuais, etc., exercita a nossa capacidade metatextual, que vai nos orientar quando da construção e intelecção de textos. (KOCH e ELIAS, p. 55).

É essa competência que nos capacita a realizar escolhas textualmente adequada nas situações comunicativas da qual somos participantes. Neste caso, jamais iremos contar piadas em um ambiente que requeira formalidade como um discurso em uma academia universitária, por exemplo, ou mesmo usarmos gírias em um artigo científico. Neste aspecto, observamos que os gêneros têm suas peculiaridades quando exercem a função social que a escrita proporciona.

Assim, Antunes (2010, p. 34) declara que “escrever é uma atividade que se manifesta em gêneros particulares de textos. Isto é, os textos não têm a mesma cara”. Neste caso, segundo Bakhtin (1992) os gêneros são um componente da língua que, como ela, sofrem as mais diversas variações. Essas variações refletem

nos expedientes da língua abrangendo os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, além da construção composicional. Dentro desse contexto, Koch e Elias (2014, p. 55) revelam que:

Dessa forma, todas as nossas produções, quer orais quer escritas, se baseiam em formas-padrão relativamente estáveis de estruturação de um todo o que denominamos gêneros. Longe de serem naturais ou resultado da ação do indivíduo, essas práticas comunicativas são modeladas/remodeladas em processos interacionais dos quais participam os sujeitos de uma determinada cultura. (ANTUNES 2010, p. 34).

Como os gêneros textuais são heterogêneos, embora possuam estrutura própria, eles estão ligados a esferas sociais cotidianas de relação humana, ou seja, se manifestam e variam segundo a interação entre indivíduos, a partir de um determinado contexto social.

Logo, o contexto será de suma importância na construção do texto e para determinar o tipo de interação entre os sujeitos.

Dentro dessa concepção, adotamos especificamente o gênero artigo de opinião que, assim como os demais, é um importante gênero textual para o desenvolvimento do estudo do uso de sinônimos dentro da perspectiva proposta nesse texto.

Esse gênero tem sido classificado como um texto argumentativo em virtude da natureza tipológica que nele predomina. Assim, nas palavras de Abaurre:

O artigo de opinião é um gênero discursivo claramente argumentativo que tem por objetivo expressar o ponto de vista do autor que o ensina sobre alguma questão relevante em termos sociais, políticos, culturais, etc. o caráter argumentativo do texto de opinião é evidenciado pelas justificativas de posições arroladas pelo autor para convencer os leitores da validade da análise que faz. (ABAURRE 2007, p. 256).

Neste sentido, o artigo de opinião tem um caráter persuasivo, em que o produtor procura, através de argumentos, mudar ou confirmar, o ponto de vista do leitor sobre determinado assunto, além de auxiliá-lo a compreender melhor o mundo em que vive. Como todo texto, o artigo de opinião tem seu meio de circulação, leitores, estrutura e linguagem.

Segundo Abaurre (2007, p. 256), “tradicionalmente, o espaço de circulação dos artigos de opinião são as colunas assinadas dos jornais diários e revistas semanais que costumam contar com um quadro fixo de articulistas”. No entanto, vale salientar que esse gênero tem sido cada vez mais utilizado em sala de aula através dos livros didáticos ou textos avulsos (produções dos alunos). Nesse caso, o autor modificará o repertório do seu texto de acordo com o meio social e cultural do leitor.

Dentro dessa perspectiva, vamos perceber que o perfil de leitores varia de acordo com o meio de circulação, o que implicará também no nível de língua que o escritor usará para esse gênero. Sobre essa questão a autora disserta que:

O espaço de circulação e o perfil dos leitores de artigos de opinião definem o grau de formalidade que devem manter no uso da linguagem. Geralmente, jornais e revistas esperam que seus articulistas façam uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa. (ABAURRE, 2007, p. 256).

Vale ressaltar ainda que, dentro dessa perspectiva, é de suma importância a escolha adequada das palavras (sinônimos) ou expressões que o articulista (aluno) irá utilizar na produção dessa modalidade textual. Isso implicará em reserva de repertório que será usado concomitantemente com perfil de leitor e o contexto no qual ele está inserido.

Com relação à estrutura do artigo de opinião, esta não é fixa e pode também variar de acordo com o meio de circulação, o tema abordado e o tipo de leitor. Todavia, de acordo com Abaurre (2007), essa modalidade de texto sempre costuma trazer no seu parágrafo inicial uma contextualização do tema abordado, a fim de que o leitor recupere as informações já disponíveis no seu repertório sobre o assunto.

Não devemos esquecer que, quanto à linguagem, o artigo de opinião pode variar de acordo com o propósito, o contexto social e o tipo de sujeito-leitor envolvido nesse contexto. Nesta perspectiva, Abaurre (2007, p. 260) observa que o tipo de expressão utilizada no texto, ainda que “monitorada”, pode ganhar nuances subjetivas, devido “o teor argumentativo desse gênero. Neste sentido, é comum encontrarmos marcas da 1ª pessoa do singular em pronomes e verbos”, embora, conforme Abaurre (2007) seja usada geralmente neste gênero a variante formal.

Assim, o presente gênero textual se constituiu num importante suporte para os estudos dos sinônimos dentro da proposta apresentada, não apenas por sua estrutura em si, mas por estar mais próximo do contexto social dos alunos e por fazer parte da sua grade curricular.

Vamos agora observar como se deu todo o processo metodológico para o desenvolvimento e aplicação das teorias abarcadas nesta pesquisa.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O que diferencia o professor “comum” de um professor-pesquisador está no fato de que aquele segue uma rotina em sala de aula sem refletir sobre a complexidade e os valores de conhecimentos envolvendo a sua própria prática. Enquanto esse busca novas ideias e estratégias, a fim de superar as dificuldades na sua prática pedagógica. Sobre essa questão, Bortoni-Ricardo (2008, p. 46) defende que o professor pesquisador “não vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais de forma a melhorar sua prática”.

A autora ainda ressalta que o trabalho do professor pesquisador resulta na praticidade da teoria, ou seja, em conhecimento que pode influenciar suas ações; permitindo uma operacionalização do processo ação-reflexão-ação.

Neste sentido, a presente pesquisa de cunho qualitativo foi de grande relevância, pois favoreceu a exploração de ideias que defenderam a construção do conhecimento entre os participantes dessa ação.

4.1 A natureza da pesquisa

Este trabalho abordou uma Pesquisa-ação de cunho descritivo-interpretativa, com uma proposta de intervenção e análise de dados. Neste aspecto, conforme, Gil (2002) “traz a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Neste âmbito, o presente texto é de natureza qualitativa, visto que o pesquisador tem relação direta com o ambiente e a situação pesquisada, que, no nosso caso específico, está presente no cotidiano escolar. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008) o objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula é explorar o cotidiano dos ambientes escolares, no intuito de fortalecer as práticas de ensino e identificar processos que, por serem rotineiros, passam despercebidos pelos protagonistas que dele participam. Neste aspecto, Miranda (2009) defende que o investigador é parte integrante do fenômeno social que investiga.

Atentando bem para este aspecto, o pesquisador não é neutro, em relação aos fenômenos educacionais que estuda, pois traz consigo toda uma carga de valores, crenças e ideias, pelo que deve tentar integrar-se no contexto de estudo, fazendo parte natural do cenário. Neste caso, o investigador “incorpora” o ambiente que se propôs a pesquisar, contribuindo, dessa forma, para a construção do conhecimento junto com seus alunos.

Para Tripp (2005), a pesquisa-ação é participativa à medida que inclui todos os que, de um modo ou de outro, estão envolvidos nela e é colaborativa em seu modo de trabalhar.

Assim, de uma perspectiva estritamente prática, a pesquisa-ação se desenvolve com a cooperação e colaboração, pois os efeitos dessa prática interativa não se limitam a um indivíduo isolado do processo. Neste caso, é bom salientar que toda pesquisa precisa ser pautada numa teoria, e para isso, é preciso que as informações recolhidas sejam orientadas por quadro teórico de referência, pois ele revela a necessidade de ajustar, especificar ou até reformular este quadro, tornando-o um guia de observação do real mais eficaz e preciso.

Desse modo, num processo de pesquisa-ação, torna-se imprescindível descrever uma dada situação, formular e desenvolver estratégias, considerando ainda as circunstâncias e a dinâmica entre o grupo e a situação que está sendo investigada.

No caso da presente pesquisa, foram ministradas aulas sobre sinônimos tendo como ferramenta principal variedades de textos envolvendo o gênero artigo de opinião. Como importante ferramenta, tornou-se pertinente expor aos alunos as teorias que envolveram o tipo de linguagem, o meio de circulação e o contexto sociocultural em que o texto foi produzido.

Portanto, num processo de pesquisa-ação, torna-se imprescindível descrever uma dada situação, formular e desenvolver estratégias, considerando ainda as circunstâncias e a dinâmica entre o grupo e a situação que está sendo investigada.

Dessa forma, desenvolvemos a presente pesquisa a partir de um ambiente escolar cujo cenário principal foi sala de aula, onde construímos meios e estratégias que envolveram leitura, interpretação, análise, planejamento, produção e reescrita,

visando desenvolver no aluno um repertório que viesse suprir a sua necessidade enquanto produtor de textos.

4.2 O contexto da pesquisa: escola campo e colaboradores

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de ensino fundamental, localizada no município de Brejo da Madre de Deus-PE.

Há pouca presença dos pais nesta escola, apesar dos eventos promovidos pela mesma. Isso pode ser atribuído a vários fatores como trabalho no período do expediente escolar, dificuldades de locomoção ou de mostrar pouco interesse quanto pela vida escolar dos filhos.

A presente instituição de ensino recebe um número significativo de famílias de baixa renda que participam de programas sociais promovidos pelo Governo federal como Bolsa Família, Bolsa Escola, dentre outros.

Do ponto de vista físico, a presente instituição de ensino dispõe de 16 salas de aula; 01 laboratório de informática, 01 sala multimídia, 01 sala onde são guardados livros didáticos e paradidáticos, que às vezes, funciona como biblioteca; 01 sala dos professores; 01 cozinha com depósito e espaço para refeitório; 01 secretaria; 01 sala de arquivo; 01 sala onde funciona a direção; 02 salas que funcionam como depósito de materiais e um pátio.

Quanto ao recurso humano, dispõe de 01 diretor geral e duas diretoras adjuntas, 03 coordenadoras, 01 secretária geral, 10 funcionários de apoio e em torno de 40 professores. Sua clientela é composta por mais de mil alunos, distribuídos nos três turnos de funcionamento. A escola oferece Ensino Fundamental regular a partir do 1º ano e na modalidade EJA a partir do 6º ano. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) atual da Instituição é 4,2 e teve o seu Projeto Político Pedagógico (PPP) reformulado no período entre junho de 2018 a fevereiro de 2019.

No turno da manhã funciona o ensino fundamental da primeira fase (1º ao 5º). Geralmente o horário de início das aulas é de 7h30min às 11h50min, com intervalo de 20 minutos para a recreação.

No turno da tarde funciona um laboratório de informática, aberto para pesquisas e cursos operacionais a partir das 14h. Esse acesso é feito geralmente mediante a agendamento por parte do professor da turma, como parte do seu recurso didático. Os cursos de informática oferecidos aos alunos da escola funcionam de segunda a sexta-feira no turno da noite. Cada aula tem duração de uma hora e os alunos a frequentam duas vezes por semana. A duração total do curso são de seis meses.

Mesmo não tendo um espaço que caracteriza uma biblioteca, a escola dispõe de uma sala com acervo composto por obras do PNBE, e alguns clássicos da literatura brasileira. É notório que alguns alunos solicitam alguns livros para lerem na escola durante o intervalo e outros requerem para levarem para casa sob o prazo de devolução.

Os colaboradores dessa pesquisa são estudantes do 9º ano do ensino fundamental, originários da zona urbana e rural do município de Brejo da Madre de Deus-PE. A turma é composta por 34 alunos, sendo 20 alunos do sexo feminino e 14 do sexo masculino. A maioria reside em áreas onde a escola está localizada. Os estudantes pertencem a famílias de classe de baixa renda, oriundas de atividades agrárias.

Foi a partir desse contexto que procuramos desenvolver nossa pesquisa e aplicar toda a proposta metodológica pautada nos referencias teóricos descritos anteriormente.

4.3 Procedimentos da pesquisa para coleta de dados

A presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba com o título “O USO DE SINÔNIMOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS DE OPINIÃO NO 9º ANO:ENSINO FUNDAMENTAL” sob o parecer de número 3.436.668.

Para a coleta de dados dessa pesquisa, optamos pelo estudo qualitativo, que, segundo Bortoni-Ricardo (2008), torna possível descrever e compreender as situações vivenciadas no cenário da pesquisa, assim como compreender os participantes através de seus valores, seus significados culturais.

Nesse aspecto, consideramos também a importância da pesquisa-ação como procedimento metodológico, para a realização das oficinas de textos propostas nesse trabalho. Para isso, fizemos uso de registros e observações que envolveram o processo de atividades, bem como para averiguarmos a confirmação ou não dos objetivos propostos.

Os dados qualitativos dessa pesquisa compreenderam em observações, composição de diários de campo e coletas de material documental, que foram os registros escritos realizados e coletados a partir do desenvolvimento da intervenção com oficinas de produção de texto nos moldes sugeridos por Faraco e Terza (2011).

Descrevemos nos registros os procedimentos de aplicação das oficinas de texto obedecendo às etapas estabelecidas, enfocando os aspectos no que se referem à apresentação da proposta, introdução envolvendo discussões e os aspectos teóricos sobre os sinônimos e a estrutura do gênero artigo de opinião, leitura, interpretação, produção de texto orientada e reescrita do gênero artigo de opinião.

Foram também observadas as principais dificuldades apontadas no processo e os caminhos para as soluções. Como sugere Bortoni-Ricardo (2008), que a pesquisa qualitativa aceita o fato de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa.

Como professor de língua portuguesa de uma escola pública, observamos constantemente as dificuldades que os alunos tiveram ao se deparar com as diversas situações envolvendo o uso da língua materna tanto no aspecto da leitura e da prática da escrita de textos em sala de aula, como pela insuficiência de um repertório vocabular na hora da produção, uma vez que, por se tratar de um ambiente com um público heterogêneo, seria capaz de promover experiências variadas que tanto podiam trazer resultados satisfatórios para o processo de escrita dos alunos, como também expor uma realidade na qual a relação entre autor, texto, leitor e situação tendessem a divergir entre si.

Sob esse âmbito, tomamos como ponto de partida para aplicação de proposta de intervenção, observação e análise, uma turma do 9º ano do ensino fundamental do interior de Pernambuco, composta principalmente de adolescentes entre 13 e 15

anos, cujo universo social, muitas vezes, não denotava a importância da leitura, muito menos da escrita.

Observemos agora como se deu o processo interventivo dessa pesquisa.

4.4 Intervenção

A proposta apresentada nesta pesquisa foi organizada em oficinas adaptadas de Faraco e Terza (2011), dividida em sete momentos distintos: apresentação da proposta, introdução, leitura, interpretação do texto, planejamento, produção textual e reescrita orientada.

Descreveremos a seguir cada uma delas:

4.4.1 Apresentação da proposta

Nesta etapa foi exposta à direção da escola e aos alunos toda a estrutura do projeto, seus efeitos e implicações no processo de aprendizagem dos aprendizes. Ainda foram apresentados os documentos que configuravam a parte de assentimento da pesquisa, que posteriormente foram entregues aos pais, para fins de esclarecimentos e autorização.

Vale salientar também que o comparecimento dos progenitores à escola aconteceu no dia posterior à apresentação da proposta da pesquisa, para dirimirem algumas dúvidas.

4.4.2 Introdução da proposta

A introdução dessa intervenção foi dividida em três partes cada uma com o tempo de duas aulas. A primeira foi precedida por uma discussão sobre a questão do conceito, função e uso dos sinônimos dentro do texto. A segunda teve como prioridade uma reflexão sobre o gênero textual escolhido, ou seja, o artigo de opinião, através do qual foi desenvolvido a análise dos sinônimos. Além disso, nesse encontro foi tratado sobre a estrutura do artigo de opinião no que diz respeito ao conceito, linguagem, função que esse gênero desenvolve no meio social, meios de circulação e público-alvo.

No terceiro encontro, isto é, terceira parte foi proposta aos alunos uma produção textual abordando “o uso do celular e suas aplicações nas relações sociais. Antes disso, foram realizadas discussões seguida de um planejamento como fases de preparação para a produção. O objetivo dessas atividades foi verificar o nível de conhecimento dos alunos a respeito do assunto, visto ser bastante familiar ao seu contexto social, e como eles usaram os sinônimos dentro do texto produzido.

4.4.3 Leitura

Entendemos que a leitura é um importante recurso para o enriquecimento e ampliação do vocabulário. Neste sentido, foram realizadas aulas expositivas e reflexivas envolvendo textos de artigo de opinião. Para isso, foram propostos debates em grupo e/ou individual, a fim de observar a percepção dos alunos com relação ao tema proposto pelo texto, o tipo de linguagem usada, o porquê de determinadas escolhas de palavras por parte do autor, como esse autor utilizou os sinônimos nessas escolhas, dentre outras.

4.4.4 Interpretação

Aliada às reflexões e discussões realizadas no processo de leitura, realizaram-se as atividades voltadas para a interpretação dos textos distribuídos em sala de aula.

Esta etapa teve como proposta analisar os aspectos estruturais, linguísticos, a relação dos sinônimos no texto, o objetivo, e a intenção do autor. Estas atividades foram realizadas com questões de cunho subjetivo, a fim de observar o desempenho dos aprendizes quanto ao comportamento escriturístico e interpretativo.

4.4.5 Planejamento do texto

Nesta importante etapa, o aluno foi levado a refletir sobre os aspectos processuais para a construção do gênero escolhido. Neste caso, ficou salientado

que não se tratava de uma receita engessada, mas a sua flexibilidade ocorreria de acordo com a praticidade do aluno na escrita.

Neste aspecto, foi importante observar que a proposta do planejamento não se limitou apenas aos aspectos estruturais do texto, mas também aos linguísticos e lexicais de acordo com a finalidade que se desejou atingir ou do destinatário que se quis alcançar. Nesta perspectiva, Schneuwly e Dolz (2011, p. 88) afirmaram que “cada gênero é caracterizado por uma estrutura mais ou menos convencional”.

Durante todo o processo de produção os alunos foram levados a planejarem os seus textos, mediados e orientados por nós.

4.4.6 Produção escrita orientada

Essa etapa foi realizada sempre precedida de discussões sobre textos e planejamentos realizados em sala de aula. A proposta da produção textual cumpriu, neste caso, dois propósitos distintos: verificar como os alunos se comportaram quanto ao processo estrutural do gênero trabalhado e quanto às escolhas das palavras que eles fizeram para alcançar o seu leitor. Dessa forma, foram observados, o estilo de composição, o uso adequado dos sinônimos dentro do processo da construção do texto e sua relação com o tema e o tipo de interlocutor escolhido para a interação.

4.4.7 Produção da reescrita

Por fim, nessa etapa foi pedido aos alunos que reescrevessem seus textos em sala de aula, a partir das observações e apontamentos feitos nas suas produções relacionadas ao uso de sinônimos, sua aplicação dentro do texto e a função que eles exerciam como recurso de coesão.

Essas oficinas foram desenvolvidas no período correspondente a 26 aulas, cada uma com 50 minutos de duração, distribuídas num total de 13 encontros.

As atividades tiveram por objetivo promover nos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental a ampliação do seu repertório linguístico/vocabular, a fim de aplicá-lo com adequação no uso de sinônimos na produção textual do gênero artigo de opinião. Além disso, proporcionar a esses aprendizes condições para produzir em

textos mediante discussões ocorridas em sala de aula, a partir do gênero em questão, de acordo com um dado contexto interacional.

Passamos a descrever as etapas realizadas na intervenção, seguidas de comentários acerca das produções de atividades realizadas com os alunos em sala de aula, no que diz respeito aos aspectos do uso dos sinônimos como elemento de coesão no processo de produção textual. Dessa forma, seguimos a sugestão de Faraco e Terza (2011) para o desenvolvimento das oficinas que serviram de base para o desenvolvimento das atividades propostas.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA INTERVENÇÃO

Neste capítulo tratamos da análise de dados de todo o procedimento interventivo ocorrido em sala de aula durante a realização desse trabalho. Passamos agora a descrevê-lo e como ocorreu o processo das análises.

O primeiro encontro teve duração de duas aulas com objetivo de expor a proposta da pesquisa abrangendo a importância da participação dos alunos e o que ela poderia proporcionar quanto ao seu crescimento como estudante, como profissional e enquanto cidadão, enfatizando a ideia de que os conteúdos que iriam ser vistos não se restringiam apenas a sala de aula, mas seriam extensivos durante toda a vida deles como membros de uma dada comunidade.

Ainda em nível de apresentação, enfatizamos os aspectos de como seriam estudados os sinônimos e o gênero textual escolhido para o desenvolvimento do estudo.

Expomos também, de forma genérica, as etapas que comporiam a sequência das oficinas, deixando os alunos cientes da suma importância de uma frequência assídua às aulas. Após a apresentação do projeto, foi perguntado aos estudantes se tinham alguma dúvida sobre o exposto.

Em seguida, distribuímos os documentos correspondentes a pesquisa aos estudantes e nos colocamos a inteira disposição deles e dos pais para tirar possíveis dúvidas, caso tenham surgido.

Na parte introdutória dessa intervenção foram realizadas três oficinas, visto que fizeram parte de três encontros correspondentes a duas aulas cada, ou seja, nessa fase e as que a sucedeu, cada encontro no processo interventivo correspondeu a uma oficina:

Faremos a seguir a descrição de cada uma delas:

Para realizar a primeira oficina (duas aulas), contamos com o auxílio do Datashow, neste caso, o presente encontro foi marcado pela introdução da aula sobre o uso dos sinônimos e a implicação do seu ensino fora e a partir do texto. Para isso, interagimos com os alunos perguntando-lhes o conceito que eles tinham sobre sinônimos. Depois de variadas respostas, apresentamos no multimídia alguns

exemplos isolados de algumas palavras e pedimos para os estudantes atribuírem um valor correspondente a esses vocábulos.

As palavras usadas na exposição para a análise foram: branco, tampar, velho, cortar, colocar, etc. Dentro da concepção que alguns alunos tinham a respeito de sinônimos, ou seja, como palavras que substituem outras com o mesmo sentido, começaram a atribuir significados às palavras em evidência, isto é, branca, tampar, velho, cortar e colocar.

Para a palavra, “branca” os alunos atribuíram expressões como claro e alvo; para “tampar”: estancar, interromper, interceptar; “velho”: idoso, sênior, ancião; “cortar”: aparar, tosquiar e “colocar”: pôr, botar, etc.

Dessa forma, foi perguntado a esses alunos se as palavras as quais eles atribuíram significados tinham o mesmo sentido das correlatas e se teriam outro valor se fossem aplicadas em outros contextos. Como resposta um aluno observou que algumas palavras como “alvo” e “pôr” podiam ter outros sentidos quando aplicadas a um determinado contexto.

Ele declarou que “alvo” poderia estar relacionado a mira, enquanto “pôr” pode indicar o sentido de criação, como no caso da galinha que põe o ovo. Tal resposta despertou o desejo de outros alunos participarem da aula, como por exemplo, um colega que afirmou que a palavra “tosquiar” está associada mais a animais e não a pessoas. Dessa forma, ele concluiu que se pode usar a expressão cortar cabelo referente a seres humanos, mas não tosquiar o cabelo ou a barba. Satisfeito com a resposta do aluno, o professor advertiu que, embora a expressão “tosquiar” já tenha sido usada para se referir a pessoas em textos antigos como os bíblicos (1 Coríntios 11.6), mas que hoje perdeu o seu valor semântico relacionada a pessoas hoje.

Já outro aluno lembrou que a expressão “velho” tendo como sinônimo idoso torna-se descabível quando aplicada ao jornal ou a revista e concluiu dizendo que “é muito relativo essa questão de palavras com sentidos semelhantes”.

Como pudemos observar, existiram por parte de alguns alunos noções diferentes do defendido pela gramática tradicional no que diz respeito ao valor dos sinônimos quanto a sua aplicação em determinado contexto. Entretanto, apesar dessas respostas, a maioria não quis emitir nenhuma observação a respeito.

Depois dessa reflexão, foram expostas, aos alunos, algumas expressões equivalentes em alguns fragmentos de textos. Esse procedimento teve como objetivo fazer com que os aprendizes percebessem as funções que os sinônimos poderiam desenvolver quando aplicados ao texto.

A maior parte da turma tinha a noção de sinônimos como uma palavra que substituía a outra com significado equivalente, ou seja, um mero substituidor. Nos textos apresentados no multimídia destacamos algumas palavras ou expressões por seus sinônimos e perguntamos aos alunos se elas tinham apenas a função de substituir. Segue abaixo um dos exemplos:

Surpresa para Laura

Laura tem oito anos e gosta muito da escola onde estuda. Um dia, ao chegar em casa, seus pais disseram que ela teria de mudar para uma escola mais próxima de sua casa. Espantada com a notícia, a garota correu para seu quarto e lá permaneceu trancada por algum tempo.

Depois de pensar melhor, Laura ficou mais tranquila e compreendeu que essa alteração poderia ser interessante, pois além de não precisar mais tomar o ônibus, teria a chance de fazer novos amigos e conhecer outros professores.

Ao lerem o texto, o perguntamos em seguida quais expressões no texto podem ser consideradas sinônimas e qual as funções possíveis que elas podiam desempenhar no texto. Como resposta, os alunos não conseguiram perceber além de palavras que substituem as outras, ou seja, ainda estavam atrelados à ideia de que para ser sinônimo tem que substituir.

A partir do texto, mostramos aos aprendizes que os sinônimos ou expressões sinônimas também podiam desempenhar a função de referente, isto é, que as palavras faziam referências a outras, sendo um elemento de coesão responsável pela sequência de ideias desenvolvidas no texto, sem comprometer, portanto, o seu sentido. Neste momento, nós, juntamente com os alunos, analisamos algumas expressões usadas no texto, a começar pelo substantivo “Laura” e as palavras a ele ligadas como **ela**, **garota**, **espantada** e **tranquila**. Nessa ocasião, o docente levou os alunos a perceberem que tais palavras não foram usadas apenas para substituir o termo Laura, mas para fazerem referência a ele.

A exemplo do processo anterior foi mostrado também que os vocábulos “notícia” e “alteração” não estavam ali simplesmente para substituir o período:

“mudar para uma escola mais próxima de sua casa.”, mas para servir como referencial a ele.

Após a discussão, foi solicitado um exercício aos alunos, a fim de verificar o nível de absorção do que foi discutido em sala.

No próximo encontro (duas aulas), ainda em caráter introdutório, foi apresentado aos estudantes o gênero textual escolhido (artigo de opinião) para o desenvolvimento do estudo dos sinônimos. Desse modo, baseado em Abaurre (2007) apresentamos as principais características que norteiam o gênero textual em questão. Nesta ocasião, discutimos a estrutura, a linguagem, a circulação e o destinatário desse gênero. Assim, para identificar essas características, apresentamos a classe através do multimídia o texto “O Celular na vida dos Adolescentes” de Karine Rizzardi.

Neste texto, os alunos tiveram a oportunidade, depois de uma leitura silenciosa, de expor oralmente a ideia principal tratada no texto. Antes, é importante ressaltar que alguns alunos se apropriaram do título do texto para afirmarem que este seria a ideia-chave trazida pela autora. Neste aspecto, pudemos observar que ainda os estudantes confundem título com tema ou assunto.

Depois da discussão a respeito do que foi focado pela escritora, partiu-se para a identificação dos predicados atribuídos ao artigo de opinião expostos em sala de aula. É certo que as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos na identificação dessas características foram nos aspectos do tipo de linguagem apresentada e os mecanismos argumentativos que a autora usou para defender a opinião dela. Isso mostra que a falta do hábito de ler, torna-se uns dos problemas mais frequentes para essas dificuldades.

Logo em seguida, expusemos qual a importância, os valores e funções que os sinônimos podem exercer quando aplicado nesse gênero de texto, e que outros sentidos eles poderiam adquirir à medida que fossem colocados no processo da escrita.

Neste sentido, o objetivo foi fazer com que os alunos percebessem que o processo da sinonímia não ocorre de uma única maneira, mas de várias formas sendo que dentre elas, pode ocorrer o processo sinonímico como função referencial,

de coesão, sendo então um artifício responsável pela segmentação e ligação das ideias entre períodos para formação do parágrafo e da unidade do texto como um todo.

Uma vez feita a leitura e a discussão sobre o texto, foi distribuído entre os alunos um exercício para fins interpretativos, os quais terminaram em tempo oportuno e entregaram ao professor para correção.

No encontro seguinte (duas aulas), baseado nas discussões e nas atividades do encontro anterior, realçamos para a turma a importância de sempre planejar antes de redigir um texto. Neste sentido, os alunos, sob orientação do docente, produziram um artigo de opinião abordando a influência do celular na vida dos adolescentes. Nessa produção, além de serem observados os aspectos estruturais do gênero em questão, foram também contemplados quais e como os alunos fizeram as escolhas de palavras (sinônimos) para desenvolver o seu texto, ou seja, se os vocábulos escolhidos cumpriram o processo de segmentação (coesão) e desenvolvimento das ideias defendidas no texto, bem como se corresponderam ao tipo de interlocutor, ao tema e à modalidade textual adotada.

Após o término das produções, o professor recolheu os textos dos discentes para possível reescrita.

No encontro seguinte (duas aulas) foi distribuído entre os alunos o texto “Geração do celular” de Inaê Soares da Silva. Neste primeiro momento, os alunos fizeram uma leitura silenciosa, a fim prepará-los para a reflexão do texto. Concluída a leitura, o professor fez um rápido comentário sobre o texto e a partir dessa exposição interagiu com os alunos a respeito do tema abordado pela autora do gênero textual em questão.

Durante a discussão, o aluno observou que se identificava muito com o texto, principalmente no primeiro parágrafo em que a autora argumenta que “os usuários não utiliza o celular apenas para olhar uma mensagem ou outra, e sim, ficam vidrados o dia inteiro, seja na rua, na praça, com os amigos e até mesmo no trabalho”. Segundo o estudante, quando sai com os pais nos fins de semana, a primeira atitude que ele tem, caso vá para uma lanchonete, é pedir a senha do wifi. “Nesse caso, o cardápio fica em segundo plano”, gracejou o adolescente.

Outros alunos expuseram também a sua opinião a respeito da temática abordada, como no caso do aluno que declarou que o celular estava sendo usado de forma exacerbada, e que em vez de unir afasta as pessoas. Outro aluno contra-argumentou que não era o celular que estava afastando as pessoas, mas o uso descontrolado e sem propósito do usuário: “as pessoas não são educadas para usar o dispositivo”, opinou o aluno.

Em linhas gerais, as discussões sobre o texto conduziram os alunos a refletirem como o uso desse aparelho tinha contribuído para as suas relações dentro do contexto social em que estavam inseridos.

No segundo momento, foi distribuída aos estudantes uma atividade de interpretação de texto relacionado ao gênero discutido. Neste momento, foi solicitado aos aprendizes que respondessem um questionário, para verificação do nível de assimilação sobre o assunto discutido no texto.

Após o término da atividade, o professor recolheu dos alunos os exercícios para posterior correção.

O encontro posterior (duas aulas) teve como foco o planejamento da produção do texto. Antes de tudo, perguntei à turma se ela em algum momento da sua vida escolar tinha planejado um texto antes de produzi-lo. A resposta quase unânime foi negativa, salvo uma aluna oriunda de uma escola particular, que afirmara que sua professora só solicitava uma produção de texto, se ela antes tivesse trabalhado a sua estrutura e características.

A partir dessas observações, falamos aos aprendizes da necessidade de planejar antes de redigir qualquer gênero textual. Neste tempo, foi mostrado e discutido com eles através do Datashow que o bom planejamento leva-os a ter melhor aproveitamento na produção do texto escrito, como por exemplo, nas organizações das ideias e, em se tratando do artigo de opinião, deveriam levar em conta a alguns aspectos como: a escolha de um tema e um título atrativos, que chame atenção do leitor; a definição de argumentos a serem defendidos durante o desenvolvimento da produção; a sustentação desses argumentos adotados; a concisão das ideias e o objetivo que se deseja alcançar; adequação da linguagem ao leitor.

Neste caso, enfatizamos a importância do uso predominante da linguagem em terceira pessoa no artigo de opinião. E por fim, mostramos que, dentro do planejamento, a conclusão do texto tem como uma das características principais a retomada e a confirmação da ideia principal adotada e defendida.

Vale salientar que esse planejamento serviu de base para as demais atividades envolvendo a produção de texto.

No segundo momento do encontro, tratamos da produção textual. Neste íterim foi distribuída uma folha acompanhada de folha-rascunho, para os alunos redigirem um texto a partir do que foi discutido e orientado em sala de aula sobre a questão do uso do celular. Neste período, fizemos algumas considerações que foram discutidas no planejamento. É importante frisar que alguns alunos tiveram muitas dificuldades no momento da produção. Uns alegaram que não tinham ideias no momento para produzir, outros, porém, tinham dificuldades de repertório para expressar o que eles queriam dizer.

Tais informações foram bastante importante para preparação da próxima oficina. Concluída as atividades de produção textual, recolhemo-las para correção.

No encontro seguinte (duas aulas), mediante as observações feitas na sequência anterior, sentimos a necessidade de enfocarmos os problemas detectados no que diz respeito à produção escrita dos alunos. Dentre as dificuldades identificadas, as principais foram a falta de repertório a qual restringiu o uso variados de sinônimos no texto, problemas ortográficos, de pontuação e concordância. Nesta ocasião, reforçamos aos aprendizes que a aquisição do “bom” hábito de leitura era a principal responsável para enriquecer e desenvolver o repertório deles.

No encontro subsequente (duas aulas) foi distribuído aos alunos o texto “Celular em sala de aula: uma proibição necessária” de Orlando Morando, para leitura e reflexão. Para isso, os alunos fizeram, a exemplo de outros encontros realizados anteriormente, uma leitura silenciosa, a fim de se identificarem melhor com a questão abordada. Em seguida, um dos alunos fez uma leitura oral como preparação para a discussão.

Neste íterim, dividimos a turma em duas partes, chamando-as de lado “A” e lado “B”, ou seja, aqueles que são a favor e os que são contra o uso do smartphones

em sala de aula. O objetivo era fazer com que os alunos expusessem oralmente os seus pontos de vista a respeito da temática abordada para, então, prepará-los para uma produção textual posterior envolvendo o assunto focado.

É pertinente destacar que além do objetivo citado, o intuito do texto era fazer também com que os aprendizes percebessem os mecanismos argumentativos e as escolhas de determinadas expressões que o autor usou para alcançar o seu interlocutor.

Começada a discussão sobre o texto, os estudantes, de forma eufórica, opinaram sobre o tema apresentando seus respectivos argumentos. Um aluno se mostrou contra o uso do aparelho e argumentou que, de modo geral, os seus colegas não estariam preparados para usar o dispositivo eletrônico, pois não tinham domínio sobre ele: “o aparelho em sala de aula deveria ser proibido, pois distraem os alunos, eles não prestam atenção no professor explicando”, argumentou o discente. Já o seu colega, declarou que o celular em si não era o responsável pelo prejuízo da aprendizagem, mas a falta de preparo dos alunos e de professores para torná-lo útil para a ministração das aulas.

Outro aluno, por sua vez, opinou que deveria existir um investimento por parte do gestor municipal para que liberasse internet grátis tanto para os alunos, quanto para os professores, precedido de conscientização e treinamento didático/metodológico, a fim de tornar as aulas mais interessantes e atrativas. “Isso iria ajudar bastante no aprendizado, além de reduzir a desistência (evasão) escolar”, enfatizou o estudante.

Depois do momento de leitura e discussões, os alunos foram preparados para a realização de uma atividade escrita abrangendo a interpretação do texto discutido. De modo geral, o encontro foi bastante produtivo no que diz respeito a participação dos alunos e a construção argumentativo-oral por parte deles.

Logo em seguida, distribuímos dicionários, que serviram como instrumento de consulta, a fim de ajudar os aprendizes no entendimento de determinadas palavras ou expressões contidas no texto e como elas se aplicariam ao contexto da produção escrita. Além disso, foram propostos aos aprendizes uma atividade de interpretação de texto. Neste exercício, os alunos, subjetivamente, responderam a questões como: Qual a opinião defendida pelo texto? Que argumentos o autor apresenta em defesa

de sua opinião? Que informações o autor apresenta para sustentar seus argumentos? Que tipo de linguagem foi utilizada (Formal ou informal)? Essa linguagem está em primeira ou terceira pessoa? O tipo de vocabulário utilizado no texto foi adequado para o tipo de leitor que se desejou alcançar? O vocabulário assustou você? Ou seja, no texto contém expressões que você não entendeu? Quais? Pesquisem num dicionário essas palavras; em que sentido elas se adequam melhor ao texto?

Concluída as duas aulas, foram recolhidas as atividades para posterior correção.

O encontro seguinte (duas aulas) foi marcado inicialmente pela retomada da discussão do texto anterior, no intuito de preparar os alunos para o planejamento e a produção do artigo de opinião correspondente ao tema proposto. Neste primeiro momento, foram lembrados os passos do plano de produção correspondente aos aspectos estruturais do gênero em questão e os arrefecimentos de possíveis dúvidas.

Concluído esse primeiro momento, foi proposto aos alunos a produção de um artigo de opinião abrangendo a questão do uso ou não do celular em sala de aula. Alguns alunos declararam que se sentiram um pouco mais à vontade na produção do texto, visto terem lido e discutido sobre o assunto, bem como em evitar repetições excessivas de palavras na escrita.

Essa atividade foi realizada na última aula e muitos alunos não a terminaram dentro do horário previsto, o que acarretou 15 minutos a mais no prazo da entrega.

No encontro seguinte (duas aulas) foram distribuídos os textos aos alunos com as respectivas correções abordando algumas inadequações no uso de sinônimos na produção dos aprendizes. Neste momento, comentamos sobre as produções realizadas na aula anterior enfatizando a necessidade da reescrita, a fim de melhorar e corrigir alguns aspectos micro e macro estruturais do texto.

Terminado esse primeiro momento, os alunos fizeram a produção da reescrita do texto distribuído, concluída dentro do horário previsto.

O próximo encontro (duas aulas) foi marcado pela distribuição de um texto artigo de opinião cujo título “Celular em sala de aula: uma questão que divide

opiniões” chamou a atenção dos alunos pelo fato de poderem perceber através de uma leitura reflexiva, as diversas opiniões de vários profissionais sobre o uso do celular em sala de aula, entre eles, deputados, professores, jornalistas, coordenadores pedagógicos, etc., o que levou-lhes a discussões sobre o assunto.

Durante as discussões que ocorreram logo depois da leitura, os estudantes puderam comparar os pontos de vista dos profissionais citados no texto com o deles, evidenciando que para se usar o smartphone no âmbito educacional é necessário preparo e maturidade.

Como no texto anterior, os alunos que opinaram sustentaram o argumento de que o celular seria bastante importante como recurso didático, enquanto outros, defenderam que a utilização do dispositivo iria distrair os aprendizes, pois eles não o usariam para fins pedagógicos, mas para se distrair com vídeos e chats de relacionamentos. Após as discussões nesse primeiro período, foi distribuído aos discentes um questionário envolvendo um exercício de interpretação de texto, o que os alunos fizeram e entregaram no fim da segunda aula.

No encontro seguinte (duas aulas) foi mais uma vez discutido a necessidade de se planejar o texto mesmo antes da sua produção. Neste caso, lembramos aos alunos que o planejamento do texto era importante para qualquer gênero antes da sua produção. Desse modo, em se tratando do gênero que vem sendo trabalhado, esse plano era apenas uma sugestão, visto que com a prática eles, os alunos, o adequariam de acordo com o estilo de cada um sem fugir das características estruturais predominantes do gênero em questão.

Logo em seguida, foi proposto a turma uma produção de um artigo de opinião a partir das discussões em sala de aula, do texto “Celular em sala de aula: uma questão que divide opiniões”. Nesta produção os alunos se posicionaram quanto ao uso ou não do celular como recurso didático na escola, apresentando as devidas soluções para essa problemática. Terminadas as produções, recolhemo-las para as correções.

No encontro seguinte (duas aulas), a exemplos anteriores, comentamos as produções dos alunos e mais uma vez devolvemo-las para a reescrita a partir das observações feitas. Lembramos-lhes que a prática da produção escrita era essencial para que eles conseguissem o “aprimoramento” da construção do texto.

O próximo encontro (duas aulas) foi dividido em dois momentos: no primeiro foi feito um apanhado dos textos discutidos que envolveram a temática do celular como instrumento de afastamento ou aproximação das relações sociais, sua importância como recurso didático e a sua utilização no âmbito familiar. Nesse período, os alunos expuseram suas opiniões com relação aos temas tratados nos textos usados no projeto. Alguns afirmaram que o que foi tratado nos textos faziam parte do contexto social e familiar nos quais eles estavam inseridos.

Dentro desse contexto, um aluno afirmou que, com a aquisição do celular a comunicação entre os membros da sua família (pai, mãe e irmãos) diminuiu bastante: “tem hora que alguém pensa que não tem ninguém em casa, tamanho o silêncio, pois cada um está a parte, conectado com o mundo virtual com o seu celular, declarou o adolescente.

No segundo momento, interagimos com a turma perguntando o que eles acharam das atividades propostas e se para eles houve alguma mudança com relação ao conceito adotado sobre sinônimos. Um aluno declarou que nunca tinha passado por uma “maratona” tão grande de leitura e produção de texto, principalmente do mesmo gênero. “Foi muito cansativo, devido ao excesso de atividades, mas sempre é válido para o aprendizado”, expressou com certo entusiasmo o estudante.

Um aluno por sua vez, disse que sentiu muitas dificuldades durante a produção de textos, todavia, essas atividades, apesar de cansativas, ajudou-lhe a “clarear as ideias”, como por exemplo, escolher as palavras “certas” para o desenvolvimento do parágrafo. “Durante as aulas, eu aprendi que para aumentar o vocabulário, é preciso ler bastante vários tipos de textos, além de consultar o dicionário quando encontramos palavras que não conhecemos. Aprendi também que a escolha de determinadas palavras vão depender do assunto e do tipo de leitor para quem eu escolhi escrever.” Afirmou a aluna.

Outro estudante declarou ter aprendido que para escrever qualquer texto é necessário planejar e ler bastante para ter o que dizer e ter um interlocutor em vista, para que possa usar as palavras apropriadas. Sua colega, por sua vez, declarou que sempre soube que os sinônimos eram usados para apenas substituir palavras exatamente com o mesmo sentido, mas agora aprendeu que elas podem

desempenhar outras funções no texto, como fazer referência a outra palavra usada antes.

Em linhas gerais, a turma mostrou-se muito empenhada durante a aplicação das oficinas, embora todos manifestassem graus variados de dificuldades. Teve também aqueles que mostraram no início certa resistência, talvez porque não estivessem habituados a esses tipos de atividades. Outros, porém, chegaram à conclusão de que deveriam romper a barreira da “preguiça” e ler mais para que as dificuldades fossem dirimidas durante a produção do texto.

Neste sentido, percebemos que é vigente que algumas escolas façam um trabalho específico voltado para leitura como meio de ampliar o repertório dos discentes de modo que possam utilizá-lo como recurso e aplicá-lo com adequação na hora de sua produção escrita.

5.1 Análises dos dados

A análise de dados seguiu-se pelo viés qualitativo e da pesquisa-ação. Neste caso, a análise foi realizada a partir dos procedimentos didáticos desenvolvidos nesta pesquisa e os possíveis graus de dificuldades relacionadas à insuficiência de repertório dos alunos quanto às práticas de escrita de variados gêneros. Como sugere Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa aceita o fato de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa.

Dessa forma, as dificuldades encontradas a partir das observações e registros puderam ser confirmadas por nós durante a aplicação das atividades propostas nas oficinas. Neste aspecto, percebemos que os alunos sentiram enormes dificuldades para desenvolver o processo sinonímico durante a produção textual.

Mesmo contando com fatores como conhecimento prévio ou de mundo e as “condições de produção” como estrutura, características e tipo de linguagem usada no texto, os alunos inicialmente demonstraram ter muitas dificuldades na produção de seus textos, principalmente no que diz respeito à insuficiência de repertório durante a produção.

Dessa forma, foram considerados também como elementos para análise nesta pesquisa a produção de textos dos alunos a partir de leituras de vários colunistas e escritores brasileiros, como parte integrante das atividades, visto que apresentaram temáticas que faziam parte do universo sociocultural dos colaboradores deste trabalho.

Outro ponto que foi considerado no nosso texto foi a observação dos textos trabalhados e sua contribuição para o crescimento cognitivo do aluno, principalmente nas atividades sequenciais (oficinas) que foram capazes de ampliar o conhecimento enciclopédico e o repertório lexical dos aprendizes participantes dessa pesquisa.

A análise dos textos se deu em dois momentos distintos através do método comparativo, visto que envolveu duas etapas de produção, ou seja, a primeira antes da aplicação das oficinas e a segunda versão, esta chamada de reescrita, após a sequência aplicada. Assim, foram relacionados 8 textos de cada versão os quais totalizaram 16 produções analisadas.

Ponderamos esses dois momentos da produção para levantarmos os aspectos em que foram usados os sinônimos a partir de uma perspectiva coesiva dentro da estrutura do gênero proposto. Neste sentido, foram considerados, prioritariamente, na produção textual dos alunos como eles realizaram o processo sinonímico dentro do gênero textual escolhido, ou seja, artigo de opinião, observando também se houve ou não encadeamento de ideias a partir da utilização desses sinônimos.

Dentro desse contexto de investigação, mantivemos o anonimato dos alunos envolvidos na pesquisa, identificando-os por letra (A), seguida do número da produção (1 a 8).

Procuramos, assim, a partir dos aparatos teóricos adotados para embasar nossa investigação, discutir sobre os textos produzidos quanto a sua segunda versão, comparando-os com relação a primeira, contemplando, dessa forma, o emprego dos sinônimos dentro de uma perspectiva coesiva.

Vale salientar mais uma vez que apesar dos apontamentos feitos com relação aos aspectos estruturais do texto como parágrafo, sintaxe, linguagem, pontuação, dentre outros, não foi prioridade desse trabalho em se deter nesses

importantes elementos, mas observar como os alunos responderam positivamente ou não, o emprego dos sinônimos a partir da proposta adotada por essa pesquisa.

5.1.2 O emprego dos sinônimos como elemento de coesão

Para procedermos com a análise, transcrevemos os textos dos alunos nas duas versões, as quais tiveram como tema predominante “O uso do celular e suas implicações nos relacionamentos sociais”, produções essas, seguidas de análises comparativas.

Desse modo, cada produção analisada foi identificada pela letra (A) se referindo ao aluno produtor seguida da palavra (texto) e, respectivamente, dos números de 1 a 8, sendo que cada produção tem a segunda versão. O texto inicial, diz respeito à produção realizada antes da aplicação das oficinas, em que foram analisados se houve ou não o uso dos sinônimos quanto ao seu aspecto coesivo/referencial, enquanto o texto 2 (segunda versão) está relacionado à reescrita, em que foi analisada a progressão do aluno ou não, quanto ao uso dos fenômenos analisados na primeira. Os textos postados a seguir foram transcritos, conforme os originais.

Dessa forma, segue a análise dos textos produzidos pelos alunos envolvidos neste trabalho.

A 1 – (Texto 1)

Faz bem ou faz mal?

Com o avanço tecnológico o **celular** está tomando conta das pessoas. Hoje em dia é comum o uso desse **aparelho**, não só para ligar ou mandar sms que hoje quase ninguém usa, as pessoas usam para tirar fotos, ver datas, jogar jogos fazer vídeo chamadas usar rede social enfim, ele é um **multiuso**. A questão é o celular faz bem ou faz mal as pessoas?

Hoje é possível se comunicar até com pessoas de outro continente sem sair do lugar, apenas com um “click” o que é muito prático para que tem amigos ou famílias que moram distante, mas também esses “clicks” podem trazer sérios riscos ao seu cotidiano.

As pessoas esquecem de si para viver para o **celular**, chegam a ser demitidas do emprego pelo uso inapropriado dele, perder amigos por falta de atenção ou presença, doenças desenvolvidas pelo vício, sim vício por “likes” nas redes sociais, por padrões de beleza fotos íntimas postadas entre vários outros traumas.

Portanto, o **celular** em si não faz mal quando se sabe usá-lo adequadamente ao ambiente, saiba aproveitar o momento, use com moderação e cuidado.

Produção do aluno – Agosto de 2019

A primeira versão do presente texto mostra que A1 utilizou-se de recursos linguísticos peculiares, para defender a ideia de que o celular se torna útil desde que seja bem utilizado. Observa-se que, apesar das dificuldades na parte estrutural e de alguns problemas de regência, pontuação e concordância, eles não foram suficientes para comprometer a argumentação defendida pela aluna no texto. Seguem abaixo a análise de cada parte da produção.

No primeiro parágrafo o aluno se apropria do vocábulo “celular” para desenvolver a opinião defendida quanto ao seu uso. Para isso, ele se utiliza de palavras sinônimas que remetem ao dispositivo móvel, ou seja, a partir da palavra “celular” (linha 1) o aprendiz usou expressões correspondentes como “aparelho” (linha 2) e “multiuso (linha 4), para dar sequência a ideia defendida nos parágrafos subsequentes.

Neste caso, percebe-se que as palavras usadas para celular não foram utilizadas como mero instrumentos de substituição, mas como elementos de coesão para ligar e dar sequências as ideias contidas no parágrafo. Sobre essa questão, Antunes (2012, p. 22) admite que “o léxico pode exercer a função de elemento coesivo.”

Outro aspecto importante a ser notado são os empréstimos que o estudante fez da língua inglesa (likes e click) para remeter a redes sociais. Observe que ele as colocou entre aspas para dar ênfase ao tipo de código permitido na linguagem utilizada geralmente pelos internautas. Neste sentido, Antunes (2012, p. 46) afirma que “as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade”. A autora (Op. Cit.) segue ainda afirmando que o gênero em que o texto vai realizar-se, estabelece outro condicionamento para a escolha das palavras.

Neste aspecto, o gênero se torna preponderante para a ação da linguagem, pois fora do gênero textual não ocorre nenhuma ação de linguagem.

Dentro dessa perspectiva, vale salientar que as escolhas de palavras na produção de textos dos alunos vai depender também do nível de conhecimento e armazenamento de repertório que eles trazem consigo. Neste aspecto, Geraldi vai abordar essa questão da seguinte forma:

Quando falamos de adequação vocabular, referimo-nos a escolhas de palavras que o aluno faz ao produzir o texto, se são adequados ou não ao que ele quer dizer. Neste caso, entra em questão o repertório que o aprendiz traz e o nível de competência que este tem na hora de redigir o gênero proposto. (GERALDI 2011, p. 76).

Desse modo, é de suma importância levar em consideração a ampliação desse repertório através da leitura, reflexões e produções de diversos gêneros textuais.

No entanto, o aluno apresenta limitações no que tange a variação vocabular, percebida pelas palavras repetidas (pessoas) no desenvolvimento da produção, o que pode ser observado nas linhas três, cinco, seis e dez.

A1 – (Texto 2)

Ajuda ou prejudica?

O **celular** tem sido muito usável nos anos recentes e as pessoas cada vez mais se aprofundam no uso desse **aparelho**, pois é um **multiuso** e ajuda em quase tudo nas atividades diárias. A questão do **celular** em sala de aula é um assunto que vem sendo muito polêmico, pois divide opiniões.

A geração nos tempos de hoje é muito conectada, moderna para tudo acha uma maneira mais prática. E com o **celular** dentro de sala seria tudo mais acessível, ajudará nos exercícios, perderia menos tempo escrevendo e para entender o assunto seria melhor.

Portanto, este **aparelho eletrônico** quando se usa a favor da escola, a favor da educação é um bom aliado.

Produção do aluno – Novembro de 2019

Com uma linguagem em terceira pessoa do singular e menos extenso, o presente texto exibe a mesma estrutura da versão anterior. O aluno, baseado em leituras e discussões envolvendo a temática aborda o uso do celular em outra perspectiva, dessa feita o seu uso em sala de aula.

Observa-se que o aluno usou no primeiro parágrafo praticamente as mesmas palavras da primeira versão referentes ao vocábulo celular, isto é, “aparelho” e “multiuso”. Contudo, ampliou a variação de palavras envolvendo-as no mesmo campo semântico nos parágrafos que se sucederam, tais como “aparelho eletrônico” (primeira linha do parágrafo de conclusão) para fazer referência ao termo celular

(segunda linha do segundo parágrafo), bem como o uso de termos que remetem a “sala de aula” (terceira linha do parágrafo inicial), a exemplo de “Sala” (segunda linha do segundo parágrafo); “escola” e “educação” (primeira e segunda linhas do parágrafo final). Neste sentido, vemos que as palavras aplicadas ao seu referencial funcionaram no texto como mecanismo de progressão, tornando-se, assim, como elementos de coesão.

Desse modo, percebemos uma melhora considerável no vocabulário do aluno, identificada através de uma certa autonomia na escolha de palavras envolvidas no processo sinonímico para o desenvolvimento do texto.

A 2 – (Texto 1)

O celular nos dominando

O **celular** tem causado muitos males, mas também tem trazido coisas boas, uma delas é que você pode se conectar com amigos e familiares que nunca mais tinha visto, mas muitas vezes ao ficar muito tempo no **celular** por causa de um jogo ou uma rede social você se viceia e não quer mais saber de ninguém então ao invés de juntar ele separa as pessoas.

Mas o **telefone** não é tudo na vida, ele apenas foi inventado para que o contato com as pessoas fosse melhor e mais rápido, mas elas querem que faça parte da sua vida como se fosse um amigo ou irmão.

Eles deveriam ser usado apenas para precisões assim **viveriam** mais **a vida** real e não a virtual. Os jovens muitas vezes se suicidam, porque uma pessoa lhe faz mal com o **telefone**, então **viva** mais a **vida** real para aproveitar os bons momentos da vida.

Produção do aluno – Agosto de 2019

Percebe-se nesse texto que o autor utiliza uma linguagem em segunda pessoa (“...você pode se conectar com amigos”; “...você se viceia e não quer mais saber de ninguém”) buscando, dessa forma, aproximar-se do seu interlocutor. Mas o que chama a atenção é o recurso de palavras repetidas que o autor usa para dar ênfase a ideia defendida (**viveriam** mais a vida real, primeira linha do último parágrafo); (**viva** mais a vida real para aproveitar os bons momentos da vida, na terceira e quarta linhas do parágrafo de conclusão).

Dessa forma, vale ressaltar ainda que essas expressões foram usadas como recurso coesivo, para reforçar e ligar ideias sobre o uso do celular contidas no texto. Neste caso, as expressões usadas (viveriam e vida) não devem ser entendidas como simples redundâncias, mas como expressões sinônimas que A2 usou como recurso para fortalecer o seu argumento.

Sobre essa questão, Antunes (2012, p. 35) discorre da seguinte maneira:

Jogamos com essa quase equivalência de sentido em nossas interações, respondendo às mais distintas pretensões, como: designar, reiterar, pela referência ao mesmo objeto de discurso, enfatizar, reforçar um conceito, um argumento, pontuar uma pequena diferença de sentido; enfim, estabelecer – por propósito comunicativo – um nexos qualquer de continuidade, que dá ao texto esse caráter de unidade que ele precisa ter para ser inteligível. (ANTUNES 2012, p. 35).

Além dessa apropriação, o estudante se utilizou contiguamente da palavra telefone para fazer referência ao termo antecedente celular.

Portanto, apesar de alguns problemas de ordem ortográficas, estruturais e sintáticas, o referido aluno, a partir de um repertório armazenado pôde produzir seu texto de forma compreensível, mesmo tendo certas limitações no aspecto vocabular.

A2 – (Texto 2)

Celular acabando até com os estudos

Nas escolas o uso do celular é proibido, mas alguns não respeitam essa lei. Os alunos ficam viciados no telefone com isso, não prestam atenção na explicação ou não fazem as tarefas, se na aula o professor for utilizar ele aí tudo bem, mas os alunos levam todos os dias seja para jogar, assistir, mandar mensagens, como fizesse parte de você.

Por causa de um simples aparelho muitos repetem de ano, por apenas se distraírem na hora da aula e as vezes tiram foto do quadro e depois diz que vai escrever mais tarde.

Então os estudantes deveriam ter consciência que o celular só deve ser usado para emergências e não para ficar de brincadeira em sala de aula.

Produção do aluno – Novembro de 2019

Esta última versão mostra uma certa propriedade do aluno em utilizar os recursos linguísticos disponíveis no seu repertório. O texto é iniciado com a afirmação de que o celular tem proibição nas escolas, mas que os alunos não obedecem a determinação da lei. Em virtude disso, tornam-se viciados ao usar o telefone. Observa-se que o discente coloca no mesmo campo semântico as palavras “celular”, e “telefone” no parágrafo inicial, para justificar o porquê dos alunos não realizarem as tarefas direcionadas pelo professor em sala de aula.

Além disso, neste mesmo período a palavra “proibido” foi colocada no mesmo patamar do termo referente, “lei”. Isso mostra que na visão do autor os dois termos ganham valores de significados semelhantes quando aplicados nesse contexto.

No parágrafo posterior, precisamente no segundo parágrafo, o aprendiz apresenta o principal motivo dos alunos não mudarem de série, indicada pela palavra “aparelho” para fazer menção ao uso do “celular”. Neste sentido, há uma progressão de ideias quanto aos argumentos apresentados, apesar do aparente truncamento pela ausência de vírgulas em alguns trechos do texto.

Dessa forma, A2 consegue produzir o seu texto, levando em consideração a noção de gênero, o tema e o tipo de interlocutor em foco, inserindo sinônimos para o encadeamento das ideias e argumentos apresentados, a partir do seu repertório, ampliado durante as leituras e discussões.

A 3 – (Texto 1)

Os celulares

Os celulares vêm dominando a humanidade, assim como eles trazendo vários avanços tanto no mercado de trabalho quanto nas pessoas.

O aparelho telefônico tornou-se uma ferramenta de dia-a-dia, são um dos aparelhos mais bem vendido.

Poucas pessoas se acostuma a abrir mão dos seus smartfones. O avanço das empresas estão cada dia mais surpreendentes nesse quesito.

Hoje a sociedade nem se quer precisa ir ao banco pagar suas contas por conta do avanço dos telefones pelo simples aplicativo acabamos resolvendo todas as funções do dia.

As pessoas também acabam fazendo malefícios com os aparelhos, uns dos casos mais frequentes é causado pelo apego com celulares, com isso várias causas de coisas ruins acaba acontecendo assim como adolescentes em estados graves, com depressão, traumas e chegam causa até suicídio.

Para tentar mudar esses tipos de comportamentos e preciso ter força de vontade e como fazer essas mudanças? Podemos ter o horário certo de mexer no celular, tanto pra quanto pra usar como parar. Precisamos organizar os tempos de uso para que não possa prejudicar.

Enfim, o aparelho e bom para quem sabe usalo e serve pra usar como passa tempo ou pra uma urgência caso precise.

Produção do aluno – Agosto de 2019

A partir de um título abrangente, A3 apresenta o seu ponto de vista enfatizando os prós e contras quanto ao uso do celular. Para isso, apresenta várias palavras relacionadas ao termo como “aparelho telefônico” (linha 1, segundo parágrafo), aparelho (linha 1, segundo parágrafo), “smartfones” (linha 1, terceiro parágrafo), “telefones” (linha 2, quarto parágrafo), “aparelhos” (linha 1, quinto parágrafo). Essas expressões foram usadas por A3, como elementos que serviram de ligação entre parágrafos, a fim de estabelecer consistência a tese defendida, apesar das limitações quanto aos aspectos ortográficos e sintáticos.

Assim, o aprendiz utilizou um repertório que favoreceu o desenvolvimento da sua produção, aplicando algumas palavras ou expressões contíguas que fortaleceram a sua argumentação dentro do texto produzido.

A3 – (Texto 2)

Os celulares

Os **celulares** vêm dominando a humanidade, assim como eles trazendo vários avanços tanto no mercado de trabalho quanto nas pessoas.

O **aparelho telefônico** tornou-se uma ferramenta de dia-a-dia, são um dos aparelhos mais bem vendido.

Poucas pessoas se acostumam a abrir mão dos seus **smartfones**. O avanço das empresas estão cada dia mais surpreendentes nesse quesito.

Hoje, a sociedade nem se quer precisa ir ao banco pagar suas contas, em virtude dos avanços dos **telefones** pelo simples aplicativo acabamos resolvendo todos os problemas do dia.

As pessoas também acabam fazendo malefícios com os **aparelhos**, uns dos casos mais frequentes são causados pelo apego com os **celulares**, com isso várias situações de coisas ruins acabam acontecendo, o jovem acaba tornando-se muito solitário, evitando contato até com a própria família.

Para tentar mudar esses tipos de comportamentos é preciso ter força de vontade. Como fazer essas mudanças? Precisamos organizar os tempos de uso do **telefone** para que não possa nos prejudicar.

Enfim, o **aparelho** é bom para quem sabe usá-lo e serve pra usar como passa tempo ou pra uma urgência caso precise.

Produção do aluno – Novembro de 2019

Observamos nessa segunda versão que A3 manteve a mesma linha de pensamento para desenvolver a sua tese a respeito do “celular”, havendo uma melhora considerável nos aspectos pontuais como ortografia, concordância etc. além disso, pode-se notar que houve mudanças nas construções de períodos estabelecidas pelo estudante o que resultou em novas escolhas de palavras para dar consistência e coerência ao argumentos defendidos no texto. Por exemplo, “todas as funções do dia” retratado na primeira versão (linhas 2 e 3 do quarto parágrafo), o que deixava o período confuso para o leitor, foi substituído pelo período “todos os problemas do dia” (quinta linha do quarto parágrafo). Neste aspecto, Antunes (2010, p. 126) aborda a questão afirmando que “Escolhemos as palavras conforme elas nos pareçam adequadas para expressarem o que queremos dizer e fazer com elas”.

Neste sentido, não escolhemos palavras aleatoriamente, mas com um propósito, uma intenção.

Vale ainda enfatizar que no quinto parágrafo da segunda versão, o referido aluno decidiu inserir no seu texto o período “o jovem acaba tornando-se muito solitário, evitando contato até com a própria família” para apontar as consequências do envolvimento exacerbado do adolescente com o celular.

É importante também frisar que a expressão “esses tipos de comportamentos” e “Como fazer essas mudanças?”, anunciados no sexto parágrafo, respectivamente nas linhas 1 e 2, fazem referências à expressão “apego com os celulares”, no quinto parágrafo (linha 2) o que resultou a consequência “o jovem acaba tornando-se muito solitário, evitando contato até com a própria família”, linhas 3 e 4 do quinto parágrafo.

O que queremos mostrar é que essas “novas” escolhas feitas pelo referido aluno se deram após várias leituras, discussões e reflexões abrangendo o tema em questão, favorecendo assim, uma ampliação do seu repertório, bem como uma visão mais ampla do seu conhecimento de mundo. Neste aspecto, o estudante reavaliou as escolhas de palavras feitas na primeira versão decidindo inserir no texto outras que melhor traduzissem a sua forma de pensar, levando em conta que os sinônimos aplicados ao texto não seriam apenas como “mero” substituidor, mas uma ferramenta importante para a coesão e coerência do seu texto.

A 4 – (Texto 1)

O mal uso do celular

O uso do **celular** hoje em dia anda de mal a pior, **peessoas** vivem vidradas em um **aparelho eletrônico** por horas e muitas vezes esquecem de viver a vida real. Porém, a tecnologia que há no **celular** é por um lado interessante, pois com apenas um clique você já sabe de praticamente tudo que existe no mundo.

Antigamente para tirar uma foto e te-la em suas mãos demorava muito, hoje com o **celular** você pode tirar mil fotos e todas estarão guardadas em sua galeria. E o **celular** tomou uma proporção tão grande entre as **peessoas**, que muitas delas não conseguem viver sem seus **celulares**, e isso é muito preocupante, pois de alguma forma afeta a vida dessas **peessoas** seja no trabalho, colégio ou até mesmo em nas próprias casas.

Digamos que você está no trabalho e vai ver a hora em seu **celular**, mas acaba vendo uma notificação e vai verifica-la, durante esse tempo que para você é pouco, já terá durado uma hora e não perceberá, e isso acontece com vários **cidadãos**. Por isso lhes digo mais uma vez, a tecnologia por ser um instrumento, ela vai ganhando sua atenção mais e mais.

Portanto, o **celular** deveria ser utilizado quando necessário, porque as **peessoas** perdem muito tempo conectadas no **celular**, e como dizem “a vida é um sopro”, busque aproveitar seu tempo com seus familiares e amigos, e não em um **celular**.

Produção do aluno – Agosto de 2019

O presente texto traz pontos negativos e positivos quanto ao uso do celular. A linguagem apresentada por A4 está direcionada ao seu interlocutor, em terceira pessoa. A ideia central é desenvolvida a partir da palavra celular na qual o estudante construiu o seu conceito, elencando vocábulos sinônimos para desenvolver a sua opinião sobre o assunto.

No primeiro parágrafo observa-se que, seguida da palavra “celular”, o aluno emprega a expressão “aparelho eletrônico” para criticar o uso exacerbado do dispositivo móvel. Nesse sentido, esse exagero será identificado por seu leitor através da expressão “vidradas”, vocábulo esse que aproxima a autor ao tipo de interlocutor que se pretendeu alcançar. Neste caso tais escolhas estão relacionadas com a comunidade na qual a autor está inserido e com valores histórico-culturais que fazem parte da sua formação, tornando-se necessárias para a sua interação social.

Tratando desse aspecto, Irlandé Antunes discorre da seguinte maneira:

Às palavras são associados significados básicos, que constituem, isso mesmo, a base para a derivação de outros significados, próximos,

associados, afins. Mas, adverte Marcuschi, é exatamente esse caráter de instabilidade da língua que nos permite ajustá-la às nossas necessidades e recriá-la cada vez que nos parecer necessário. (ANTUNES 2012, p. 29).

Com relação ao segundo parágrafo, nota-se que apesar do desenvolvimento de pontos e contrapontos quanto à temática em questão, o discente limitou-se a repetições dos vocábulos “celular” e “pessoas”. Tal procedimento pode indicar que o aluno não encontrou no seu repertório palavras sinônimas ou correspondentes que pudessem fazer referência a esses termos. Contudo, o seu texto manteve o foco da grande utilidade do celular, principalmente se comparado a tempos passados.

No terceiro parágrafo o aluno muda a linguagem da terceira pessoa para a segunda, para mostrar mais aproximação ao seu interlocutor utilizando o pronome “você”. Nota-se também que o estudante utilizou a expressão em forma de metáfora “a tecnologia por ser um instrumento...” (quarta linha do terceiro parágrafo), para fazer menção ao vocábulo “celular”. Desse modo, a aprendiz atribui a mesma carga semântica nesse uso para fazer referência ao termo anterior, utilizando-o como sinônimo.

A4 – (Texto 2)

O mal uso do celular em sala de aula.

O **celular** na sala de aula costuma ser muito utilizado e com muita frequência por adolescentes ou até mesmo crianças. Porém essa utilidade muitas vezes não é praticada corretamente. Por exemplo, os alunos se distraem facilmente mexendo em nas redes sociais e esquecem que estão em sala de aula, muitos deles costumam ter muitas notas baixas por conta disso, claro que muitas escolas proíbem o uso do **aparelho celular**, para não prejudicar as notas e seus estudantes futuramente.

Mas, o **celular** praticado para aprender as matérias durante as horas de aprendizagem é interessante, o estudante em si, tem mais interesses sobre o que aborda o assunto.

Mas convenhamos que poucas escolas praticam isso, pois muitas só veem o lado ruim do **celular** em sala de aula.

Portanto, concordo que o **telefone** seja praticado quando necessário e para os estudos em si.

Produção do aluno – Novembro de 2019

Com relação ao texto anterior, percebemos uma certa melhora do aluno no que diz respeito à organização estrutural do seu texto, fato também evidenciado na

redução de problemas ortográficos e de ordem sintática. Houve também, em relação ao primeiro texto, inserção de outras expressões do mesmo campo semântico que proporcionou expressar com solidez a sua opinião relacionada ao uso do celular no ambiente escolar. É o que podemos perceber já no primeiro parágrafo em que coloca a expressão “utilizado” na primeira linha em contraponto com a palavra “praticada”, na terceira linha.

É interessante perceber que para o autor do texto essas expressões são tidas como sinônimas, visto que no seu repertório essas palavras têm significado aproximado ou parecido.

De forma semelhante, ele utiliza a palavra “estudantes” e o pronome “deles”, no primeiro parágrafo, respectivamente quarta e sexta linhas para fazer referência ao termo “alunos”, na terceira linha. Essa preocupação se dá porque para o aluno, o excesso de repetição empobrece o texto, o que em algumas situações não é verdade, pois a repetição serve, dependendo da intenção do autor, para enfatizar ou reforçar uma ideia, um ponto de vista ou provocar algum efeito discursivo. No penúltimo parágrafo o aluno critica a postura de algumas escolas por não adotarem a filosofia do uso do celular para fins didático.

Neste sentido, ele se utiliza do pronome referencial “isso” para se reportar à ideia contida no segundo parágrafo.

No parágrafo final, a estudante prefere a escolha das palavras “telefone” e “praticado” em detrimento de “celular” e “utilizado”, por estarem em evidência no seu repertório.

Percebe-se então que com relação à primeira produção, A4 utilizou a escrita com mais propriedade, não desconsiderando que ainda persistiram alguns problemas de ordem pontuais como pontuação, acentuação etc., que só serão dissipados com a prática constante da leitura e da escrita.

A 5 – (Texto 1)

As vantagens e as desvantagens da tecnologia

Com o avanço da tecnologia, o mundo foi ficando cada vez mais lento, o que foi para beneficiar acabou prejudicando, o celular virou um vício tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. O celular ocupa a maior parte do tempo entre todas as atividades do dia-a-dia das pessoas. Ele deixou de ser um simples aparelho de comunicação, para um aparelho de multiuso.

Muitas pessoas estão se isolando da família e dos amigos, por conta do celular, que muitos pensam que não faz mal, mas é exatamente o contrário, estão se desligando do mundo sem perceber.

Mas ele não só prejudica, também beneficia aos usuários do aparelho. Ele seria para conversar com pessoas que estão longe, executar músicas, fazer pesquisas, tirar fotos, acessar o youtube, jogar, e também para fazer negócios estrangeiros.

Produção do aluno – Agosto de 2019

Nesta primeira produção, apesar de alguns problemas de ordem ortográfica, pontuação, sintática, dentre outros, A5 mostrou ter um certo repertório relacionado ao assunto em questão.

O primeiro período do parágrafo inicial, o aluno faz uma afirmação um tanto “inusitada” (Com o avanço da tecnologia, o mundo foi ficando cada vez mais “lento” ...). Todavia, a intenção do autor era mostrar que o celular tem deixado as pessoas cada vez mais desconectadas do contexto em que vivem. Neste sentido, ele comenta que em vez de beneficiar, o celular acaba proporcionando um certo “vício” tanto para jovens quanto para as pessoas mais velhas.

O que deve se destacar neste parágrafo é que A5 traz um repertório variado quando se refere à palavra “celular”. Durante esse período, pôde-se perceber que as expressões “aparelho de comunicação” e “aparelho de multiuso” mostram a opinião inicial do estudante para delinear os pontos de evolução do dispositivo eletrônico na era atual. Entretanto, o que deveria ser pontos positivos são apresentados pelo autor do texto como pontos negativos, em virtude do seu mal uso.

Podemos também observar que essas palavras (comunicação e multiuso) apresentam a mesma carga semântica atribuída pelo autor para se referir ao celular, ou seja, tais vocábulos não foram usados com a intenção de substituir uma palavra

por outra, como defende a gramática tradicional quando se refere aos sinônimos, mas como elementos responsáveis pela progressão do texto.

No segundo parágrafo o aluno desenvolve a sua opinião sobre o uso excessivo do celular a partir de duas palavras: “isolando” e “desligando”. Mesmo sendo de sentidos diferentes quando analisadas fora do universo do texto, elas ganham significados semelhantes quando aplicadas à situação textual criada pela estudante. Neste sentido, as duas palavras (isolando e desligando) denotam ideias semelhantes, portanto, sinônimas, indicando consequências.

Ao finalizar seu texto, mesmo sem o mecanismo que indique conclusão, o aluno troca o vocábulo “pessoas” mencionado nos primeiros parágrafos, pela palavra “usuários”, para logo a seguir apresentar ao seu interlocutor os benefícios do celular quando usado corretamente.

Dessa forma, percebemos que apesar de problemas de pontuação, ortografia e outros aspectos gramaticais como concordância, regência, etc., o texto mostrou-se coerente.

A5 – (Texto 2)

As vantagens e as desvantagens da tecnologia

Com o avanço da tecnologia, o mundo foi ficando cada vez mais lento, o que foi para beneficiar acabou prejudicando, o **smartphone** virou um vício tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. Ele ocupa a maior parte do tempo entre todas as atividades do dia-a-dia das pessoas. Ele deixou de ser um simples **aparelho de comunicação**, para um **aparelho de multiuso**.

Muitas pessoas estão se isolando da família e dos amigos, por conta do **celular**, que muitos pensam que não faz mal, mas é exatamente o contrário, estão se afastando das pessoas sem perceber.

Mas ele não só prejudica, também beneficia aos usuários do **aparelho**. Ele seria para conversar com pessoas que estão longe, executar músicas, fazer pesquisas, tirar fotos, acessar o youtube, jogar jogos, e também para fazer negócios com pessoas estrangeiras.

Dessa forma, percebemos que o **aparelho eletrônico** pode beneficiar, mas também pode prejudicar se for usado em excesso.

Produção do aluno – Novembro de 2019

Após um período de discussões, reflexões e atividades voltadas para a leitura e produção de texto, A5 redigiu seu texto discutindo a temática com mais maturidade, apresentando argumentos consistentes e um vocabulário mais diversificado com relação a primeira produção.

Neste caso, percebemos que no primeiro parágrafo o termo “celular”, na versão anterior foi substituído pelo vocábulo “smartphone”, primeiro parágrafo desta segunda versão, o que indicou uma escolha alternativa referente ao dispositivo móvel.

Outro fator importante que destacamos foi a troca do verbo “desligar” usado na primeira versão, pelo verbo “afastar”. Tal escolha se deu pelo fato do autor do texto associar esta expressão a pessoas, enquanto aquela está relacionada aos aparelhos eletrônicos. Esse fato foi assimilado pelo próprio aluno que ao reler seu texto, observou que a escolha que fizera na primeira produção não era pertinente para o termo ao qual estava se referindo. Fato semelhante ocorreu no fim do terceiro parágrafo quando o estudante trocou “para fazer negócios estrangeiros” por “com pessoas estrangeiras”.

Ao concluir o seu texto, A5 acrescentou um parágrafo comparado a sua primeira produção: “Dessa forma, percebemos que o aparelho eletrônico pode beneficiar, mas também pode prejudicar se for usado em excesso”, para retomar a discussão e apresentar a posição a qual defendeu no texto.

Como vimos até o momento, não foi prioridade dessa pesquisa avaliar exclusivamente os aspectos micros e macroestruturais do texto produzido, mas observar a postura do aluno diante de uma releitura e reescrita de seu texto e as novas escolhas feitas por ele para interagir com o seu interlocutor.

A 6 – (Texto 1)

O celular e seu multiuso

O **celular** têm aproximado as pessoas, e afastado ao mesmo tempo, deveríamos aprender a maneira certa de usar o **celular**, algumas pessoas são viciadas, isso é ruim pois acaba afastando os amigos e familiares, o **aparelho** que tem o intuito de aproximar pessoas de diferentes cidades, também acaba afastando os que estão perto, dificilmente vamos ver uma família sentada a mesa sem o **celular** na mão.

O **aparelho** também tem sua parte benéfica como nos deixar informados do que vem acontecendo no cotidiano, facilita em pesquisas e na comunicação com pessoas que moram distante, o **celular** vem facilitando e afastando as pessoas?

Entretanto, o **celular** tem principalmente nos afastado vários acidentes vem ocorrendo justamente pelo fato do uso do **celular** ao volante, ao mexer no **aparelho** ainda estando no carregador, devemos saber a hora exata de mexer no **celulares** e aproveitar mas a companhia das pessoas que estão do nosso lado.

Produção do aluno – Agosto de 2019

Como podemos observar, o presente texto mostra que o autor do texto traz consigo um repertório bastante reduzido no que diz respeito ao aspecto vocabular, pois gira o seu texto entorno do trocadilho entre os vocábulos (Celular e aparelho), para desenvolver a sua opinião. Desse modo, percebemos que a palavra “aparelho” na terceira linha do primeiro parágrafo vai retomar o termo “celular”, para indicar um paradoxo circunstancial entre o aproximar e o afastar as pessoas do seu convívio social.

No segundo parágrafo, os termos correlatos (Celular e aparelho) foram usados pelo A6 para mostrar os efeitos benéficos do uso do dispositivo. Já no último parágrafo, precisamente na segunda e terceira linhas, as mesmas palavras foram usadas para indicar as causas de ocorrerem vários acidentes: (vários acidentes vem ocorrendo justamente pelo fato do uso do celular ao volante, ao mexer no aparelho ainda estando no carregador...).

Dessa forma, percebeu-se certa dificuldade do estudante em explorar outros termos correlatos que servissem como elemento sequencial do seu texto.

A6 – (Texto 2)

O celular e seu multiuso

O celular tem aproximado as pessoas que estão longe. E afastando as que estão perto. Deveríamos aprender a maneira certa de usar o aparelho, algumas pessoas são viciadas, isso é muito ruim, porque a simples presença de um smartphone é um obstáculo para uma boa comunicação entre duas pessoas. E se isso acrescentarmos toda a carga informativa e o valor afetivo incluídos em nossos celulares – fotos, contatos, segredos, dados confidenciais, senhas é claro que é muito difícil nos comunicarmos com alguém em pessoa sem também dar atenção ao pequeno aparelho.

É absurdo sugerir que não usemos o celular. Não podemos mais viver sem ele. Empresas, governos e famílias dependem dos telefones. Mas sim, podemos definir novos limites.

Mas afinal, esses aparelhos tem aproximado mais ou afastado as pessoas?

Levando em consideração o seu uso desenfreado, o smartphone tem, principalmente, nos afastado. Vários acidentes vêm ocorrendo justamente pelo fato do uso inadequado do mesmo ao volante, ao mexer no aparelho ainda estando no carregador, devemos saber a hora exata de mexer nele e aproveitar mas a companhia das pessoas que estão do nosso lado.

Portanto, sou a favor do uso do celular, mas também sou a favor dele ser usado corretamente e na hora certa.

Produção do aluno – Novembro de 2019

Percebe-se na reescrita de A6 um considerável progresso no que diz respeito aos problemas observados na versão anterior.

Após várias leituras reflexivas envolvendo discussões e atividades sobre a temática, o aluno consegue reformular seu texto aumentando o número de vocábulos variados e referentes a termos anteriores, ou seja, o seu repertório vocabular foi ampliado de forma que proporcionou uma maior fluidez ao seu texto. Observamos por exemplo, que para fazer referência a palavra “celular” ele se apropria de expressões como: “aparelho”, “smartphone”, “pequeno aparelho” e “telefones”. Nota-se neste caso, que toda a argumentação do aprendiz gira em torno dessas palavras as quais dentro do seu devido contexto são usadas com graus de contiguidade semelhantes.

É perceptível que com relação a primeira versão, houve uma ampliação do vocabulário e com ele, palavras sinônimas variadas o que contribuiu para as sequências de ideias defendidas no texto.

No primeiro parágrafo o autor se apropria de palavras como aparelho, smartphone, celulares e pequeno aparelho para desencadear uma série de argumentos relacionados ao uso do celular. Esses argumentos consistem em opiniões que mostram o porquê de usar corretamente o celular: “Deveríamos aprender a maneira certa de usar o aparelho” (linhas um e dois). Nessa colocação fica implícita a ideia de que essa forma correta está relacionada com o uso moderado do celular.

Na segunda e terceira linhas do mesmo parágrafo, o aluno utiliza a expressão smartphone para fazer referência ao termo anterior, aparelho como um obstáculo para uma boa comunicação entre duas pessoas: “porque a simples presença de um smartphone é um obstáculo para uma boa comunicação entre duas pessoas.” Esse obstáculo retratado pelo aluno 6 é o resultado do modo viciante como é usado o dispositivo eletrônico.

No final do parágrafo o aprendiz vai se valer dos termos celulares e pequeno aparelho, referindo-se ao vocábulo aparelho. Dessa feita, apresentando-o como de grande utilidade para a relação entre as pessoas: “se isso acrescentarmos toda a carga informativa e o valor afetivo incluídos em nossos celulares – fotos, contatos, segredos, dados confidenciais, senhas é claro que é muito difícil nos comunicarmos com alguém em pessoa sem também dar atenção ao pequeno aparelho”.

No segundo parágrafo, os termos correlatos celular e telefones são apresentados pelo aluno como objetos imprescindíveis para as atividades do dia a dia. “É absurdo sugerir que não usemos o celular. Não podemos mais viver sem ele. Empresas, governos e famílias dependem dos telefones”.

O terceiro parágrafo a expressão smartphone é apresentado como uma conotação negativa, devida o seu uso abusivo. Como consequência, as pessoas se afastam por não terem tempo para as outras: “Levando em consideração o seu uso desenfreado, o smartphone tem, principalmente, nos afastado”. Ainda nesse parágrafo a palavra aparelho, que fez referência a smartphone é apresentado como a causa de vários acidentes: “Vários acidentes vêm ocorrendo justamente pelo fato do uso inadequado do mesmo ao volante, ao mexer no aparelho ainda estando no carregador, devemos saber a hora exata de mexer nele e aproveitar mas a companhia das pessoas que estão do nosso lado”.

Assim, observamos uma considerável melhoria do aluno com relação ao primeiro texto no que diz respeito a fluidez das ideias através do uso de palavras sinônimas dentro do texto.

A 7 – (Texto 1)

Afasta ou aproxima?

Na atualidade a sociedade está cada vez mais aberta ao uso da tecnologia, o celular por exemplo, quando lançado, foi vendido com a promessa de resolver problemas de comunicação em locais inacessíveis. Sabemos que o uso do aparelho se tornou “inevitável” e entre isso os pontos positivos do mesmo, tais como a facilidade de comunicação entre parentes e amigos distantes, a troca de mensagens, fotos, vídeos, e informação de forma rápida para resolver situação do cotidiano, como realizar transferência bancária ou pagamentos, tudo isso na palma da mão com apenas um clique.

Sobretudo o mesmo possui também suas desvantagens as pessoas ficam alienadas, perdem o contato com as pessoas próximas e esquecem que tem uma vida atrás daquela brilhante tela, o que muitas vezes o uso excessivo torna-se um risco, pois, o aparelho emite ondas eletromagnéticas que podem provocar dores de cabeça e problemas visuais.

Há seus benéficos e malefícios, por isso a sociedade deve estar atenta usar com cautela e administrar de forma correta.

Produção do aluno – Agosto de 2019

Na produção acima, percebe-se que, apesar de um número bastante limitado de sinônimos aplicados ao texto, A7 expôs sua opinião a respeito do tema abordado. Com uma linguagem predominantemente em terceira pessoa, ele usa seus argumentos a partir da declaração de que “a sociedade está cada vez mais aberta ao uso da tecnologia”.

É interessante notar que o autor utiliza a expressão “aberta” para conotar a acessibilidade que o seu contexto social tem aos recursos tecnológicos. Neste aspecto, ele apresentou o celular como parte integrante desse avanço. Entretanto, no que diz respeito ao processo sinonímico, o autor do texto se limitou ao vocábulo “aparelho” para fazer referência ao termo “celular” desenvolvendo, dessa forma, toda a sua argumentação, como veremos a seguir.

No primeiro parágrafo, as palavras “celular” e “aparelho” são colocadas no mesmo campo semântico para fazer referência ao uso desse dispositivo eletrônico

que, por sua vez, mostra-se importante para o relacionamento entre as pessoas. Ao usar esses dois termos, o aluno apresentou algumas vantagens proporcionadas pelo uso diário desse dispositivo eletrônico (facilidade de comunicação entre parentes e amigos distantes e a troca de mensagens, fotos, vídeos, e informação de forma rápida para resolver situação do cotidiano, como realizar transferência bancária ou pagamentos...).

No segundo parágrafo, o autor do texto empregou o termo “aparelho”, numa conotação negativa, ou seja, para indicar as consequências do mal uso do celular (as pessoas ficam alienadas, perdem o contato com as pessoas próximas e esquecem que tem uma vida atrás daquela brilhante tela [...] emite ondas eletromagnéticas que podem provocar dores de cabeça e problemas visuais).

Dessa forma, as expressões usadas para indicarem as vantagens e as desvantagens do uso do celular, (celular e aparelho) não foram empregadas de forma aleatória, mas como recurso encontrado pelo estudante para encadear a sua argumentação.

Ao concluir o texto, o aluno não retomou a discussão feita durante a produção. Nota-se, além disso, a ausência de mecanismos que pudessem fazer a ligação entre o corpo da produção com as considerações finais.

A7 – (Texto 2)

Afasta ou aproxima?

Na atualidade a sociedade está cada vez mais aberta ao uso da tecnologia, o **celular** por exemplo, quando lançado, foi vendido com a promessa de resolver problemas de comunicação em locais inacessíveis. Sabemos que o uso do **aparelho** se tornou “inevitável”. Neste caso podemos destacar como pontos positivos a facilidade de comunicação entre parentes e amigos distantes, a troca de mensagens, fotos, vídeos, e informação de forma rápida para resolver situação do cotidiano, como realizar transferências bancária ou pagamentos, solicitar alimentos, remédio ou transportes, tudo na palma da mão com apenas um clique.

Entretanto, o mesmo possui também suas desvantagens. As pessoas ficam alienadas, perdem o contato com as pessoas próximas e esquecem que uma vida atrás daquela **brilhante tela** o que muitas vezes o uso excessivo desse aparelho eletrônico, torna-se um risco, pois, ele emite ondas eletromagnéticas que podem provocar dores de cabeça e problemas visuais.

Dessa forma, há benéficos e malefícios no uso do **celular**. Depende como a sociedade o utiliza se com cautela ou administra de forma incorreta.

Com relação a primeira versão, o autor do texto organiza suas ideias em torno de palavras antes utilizadas na primeira produção. No entanto, acrescenta a expressão “aparelho eletrônico” no terceiro parágrafo ao termo aparelho, para fazer menção ao celular e indicar as causas negativas do uso excessivo dele. No parágrafo de conclusão, o aluno voltou a usar o termo “celular”, omitido na versão anterior, para retomar a discussão, utilizando também a palavra sociedade referindo-se aos usuários (pessoas) no segundo parágrafo.

Como observado, A7 pôde fazer novas escolhas de repertório, e melhorar a comunicação com o seu interlocutor, organizando assim, suas ideias atentando para as considerações e discussões desenvolvidas em sala de aula.

A 8 – (Texto 1)

O celular e os adolescentes

Muitos adolescentes hoje em dia ficam viciados no celular, não “ligam” mais para nada deixam de estudar e aproveitar o que há de bom ficando assim fixados pelo aparelho.

A maioria como não estudam acabam tirando notas muito baixas, afeta também muitas crianças que os pais deixam passar muito tempo usando o celular, afetando assim seu psicológico ficando muito agitado.

O prejuízo que o celular pode causar prejudica muito no desenvolvimento e crescimento desses jovens.

Produção do aluno – Agosto de 2019

Utilizando uma linguagem em terceira pessoa, A8 explora o tema a partir do seu conhecimento de mundo a respeito do que pode resultar no uso excessivo do celular. Percebemos também que ele redige o texto sem se preocupar com a estrutura do gênero proposto.

Mas o que chama a atenção são as escolhas de palavras que ele usa para defender seus argumentos com relação a utilização do dispositivo móvel. Dessa forma, no primeiro parágrafo o autor usa a expressão “ligam” para fazer referência ao desinteresse dos adolescentes pelas atividades sociais como estudar, por

exemplo. Percebamos que a palavra “ligar” não está associada ao celular, mas à falta de interesse dos jovens, o que implica em outra conotação.

Dentro desse mesmo parágrafo, o aluno destacou o termo “aparelho” para dar ênfase a ideia de que a afixação pelo “celular” é um desperdício de tempo. Neste sentido, nós vamos observar que os termos sinônimos enfatizados (celular e aparelho) exerceram a função de elementos de referenciação, não apenas de substituição.

A expressão a “maioria”, segundo parágrafo, desempenhou dois papéis importantes nessa parte do texto. Primeiro, retomou a palavra “adolescentes” (parágrafo inicial) para ligar a circunstância de causa (viciados). Segundo, precedeu o termo final “jovens), para mostrar as consequências que eles terão por trocarem o celular pelos estudos.

No último parágrafo, o aluno mais uma vez se utilizou do termo celular para indicar as consequências pelo mal uso (prejudica muito no desenvolvimento e crescimento desses jovens).

Observamos que há no texto jogos de palavras que A8 usa para desenvolver seus argumentos no que diz respeito ao tema abordado no texto. As escolhas de expressões feitas pelo autor representam o universo ao qual ele pertence, faz parte do seu acervo linguístico e é através do qual que ele consegue interagir com o meio no qual está inserido. Dentro desse contexto, escolhemos palavras para realizar propósitos e intenções.

A8 – (Texto 2)

O uso do celular

O **celular** vem sendo um dos meios de comunicação mais usado nos dias de hoje, e muito bom para se comunicar com outras **pessoas**, receber notícias pelas redes sociais, até mesmo para registrar um momento importante como uma viagem, seja gravando um vídeo ou tirando uma foto.

Muitas **pessoas** ficam viciadas em usar esse **aparelho**, se isolam de tudo e de todos, como se fizesse parte do próprio corpo deixam de aproveitar momentos bons em que deveria dar total atenção aquela ocasião, ficam o tempo todo mandando mensagens ou usando redes sociais. As vezes perdem até a própria vida, usando o **celular** enquanto dirige um momento de distração pode ser fatal, algumas chegam a ter um vício tão grande que entram em depressão apenas por não ter acesso ao **aparelho**.

Já aconteceu de cometerem um suicídio, deixam que o **celular** tome conta da sua vida, como se sua existência dependesse somente daquilo, por fim o **celular** pode ser usado de várias formas resta saber usalo corretamente.

Produção do aluno – Novembro de 2019

No presente texto, apesar de persistirem alguns problemas de pontuação, ortográfico e sintático o autor demonstrou ter uma fluidez maior de ideias relacionadas ao texto anterior. Palavras como “celular”, “aparelho”, “pessoas”, “redes sociais”, “vício” e “depressão” norteiam o pensamento do autor para o desenvolvimento das suas ideias, visto estarem interligadas umas às outras.

No primeiro parágrafo, A8 afirma que o celular é de suma importância para as “pessoas” como meio de comunicação em seus amplos aspectos.

No entanto, no segundo parágrafo ele é apresentado pelo aluno como nocivo as “pessoas”, proporcionando-lhes uma série de malefícios que vão do uso excessivo até “depressão”. É interessante notar que neste parágrafo (linha 2) o aluno comparou a dependência ao celular como se esse fizesse parte do próprio corpo do usuário. Tal comparação está intrínseca ao mundo vivenciado pelo autor, pois retrata de alguma forma a sua realidade social, traduzida, dessa forma, pela linguagem que utiliza.

Antunes, (2012, p. 46)) vai retratar sobre essa questão defendendo que “as escolhas lexicais que fazem nossas preferencias constituem ‘pistas’ claras de nosso

pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade”. Neste sentido, essas opções de linguagem utilizadas pelo aluno na sua produção já fazem parte de um repertório adquirido por sua vivência social aliado às atividades de leituras e discussões sobre esse contexto.

No terceiro parágrafo o autor do texto usa o termo “celular” de forma restrita, para indicar uma consequência pelo seu mal uso (Já aconteceu de cometerem um suicídio, deixam que o celular tome conta da sua vida, como se sua existência *dependece [sic]* somente daquilo.) e para fechar a sua argumentação em torno da discussão (por fim o celular pode ser usado de várias formas resta saber *usalo [sic]* corretamente).

De uma forma geral observamos que apesar das dificuldades pontuais como estrutura, sintática, ortográficas e linguísticas, os alunos obtiveram uma certa evolução no que tange ao uso dos sinônimos em seus textos. Depois das atividades desenvolvidas e aplicadas, notou-se um amadurecimento maior por partes do estudantes quanto a sua autonomia no uso de palavras ou expressões que lhes proporcionassem interação e uma aproximação ao seu contexto social.

Portanto, entendemos que os procedimentos metodológicos aplicados anteriormente reuniram condições para que o aluno cumprisse, dentro da proposta desse trabalho, seu papel como usuário da língua escrita.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao que foi exposto, podemos afirmar que o estudo dos sinônimos a partir de textos é de grande relevância para o ensino da língua portuguesa, visto que eles não podem ser vistos apenas como vocábulos isolados, fora de um contexto, que têm apenas proximidade de sentido com relação a outros, ou simplesmente ser visto como elemento de substituição. É importante percebermos que os sinônimos podem desempenhar outras funções importantes no texto como mecanismo de segmentação, de coesão, dentre outros.

Dessa forma, percebemos que quando aplicado no texto, palavras com uma carga semântica equivalente ganha discrepância de sentidos, por mais sensíveis que sejam, a partir do momento que são usadas em outras situações contextuais.

Dentro dessa perspectiva, desenvolvemos o nosso trabalho a respeito de como usar os sinônimos a partir de textos de artigos de opinião, mostrando a sua importância como elementos que desempenham, entre outras, a função de um nexos responsável pela coesão e pela cadeia de ideias constituídas no texto.

Neste sentido, a partir do esboço teórico e metodológico sobre os sinônimos dentro de uma perspectiva coesiva, que envolveu para a sua aplicação leitura, planejamento, escrita e reescrita, ou seja, a prática da leitura e da escrita, constatamos como resultado dessa junção, que é possível os alunos ampliarem seu repertório, de modo, a escreverem de forma competente, capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes, apesar das dificuldades encontradas no que diz respeito às outras normas que regem a língua escrita.

Neste caso, para analisarmos os sinônimos dentro de uma abordagem contextual, escolhemos o gênero artigo de opinião no intuito de desenvolver as atividades propostas nessa pesquisa. Tal escolha se justificou pelo fato desse gênero está presente no contexto escolar dos alunos participantes da pesquisa, bem como fazer parte dos assuntos da grade curricular do 9º ano, turma participante dessa pesquisa.

Abordamos também, junto aos alunos uma concepção de que o texto não se constitui num produto pronto e acabado, mas se estabelece como resultante de um processo que envolve reflexão, praticidade, sobre os usos que fazemos da linguagem escrita e suas implicações no contexto da interação.

Dentro da proposta adotada, comprovamos o atendimento aos nossos objetivos geral e específicos quais sejam: estudar o uso de sinônimos na produção de textos de artigo de opinião, numa turma de nono ano; expor, através de aulas interativas, o conceito, a importância e o papel que os sinônimos desempenham quando aplicados ao texto; apresentar, através de leituras reflexivas de textos variados que os sinônimos não são meros elementos substitutivos, mas podem ser um importante elemento de coesão e progressão textual.

Além disso, apresentar o conceito, a estrutura, a linguagem e o meio de circulação do artigo de opinião; realizar oficinas de textos relacionados ao gênero em questão, sequenciadas através de planejamentos sistemáticos envolvendo atividades de leitura e escrita; observar o uso de sinônimos e suas possíveis variantes ocorridas durante a produção escrita dos alunos em textos envolvendo artigos de opinião; comparar os textos dos alunos antes e depois da aplicação das oficinas, observando na produção final se foram ou não aplicados os sinônimos a partir da concepção adotada e de discussões ocorridas em sala de aula.

Em torno desses objetivos, realizamos o processo de intervenção baseado em oficinas sugerida por Faraco e Terza (2011), dividida em sete momentos distintos: apresentação da proposta, introdução, leitura, interpretação do texto, planejamento, produção textual e reescrita orientada.

Durante as oficinas, a partir da sua introdução, observamos muitas dificuldades dos alunos no que diz respeito ao uso dos sinônimos dentro de uma abrangência maior, o texto. O que notamos nas primeiras atividades foi uma noção de sinônimo como uma palavra que substitui a outra com o mesmo valor significativo e fora do ambiente do texto.

Para entender essa concepção, realizamos dentro da nossa proposta de intervenção, aulas expositivas envolvendo a concepção de sinônimos como um elemento que desempenha outras funções no texto, além de substituir. Para isso,

escolhemos textos do gênero artigo de opinião para desenvolver essa percepção junto aos aprendizes.

A partir desse gênero, desenvolvemos oficinas junto aos alunos, as quais envolveram atividades de leituras reflexivas através de discussões que abarcaram como tema, o uso do celular e suas implicações nas relações sociais. Como sequência, realizamos exercícios de interpretação dos textos trabalhados, a fim de atestar o nível de absorção dos alunos quanto ao seu entendimento do assunto abordado no texto.

Nos encontros seguintes trabalhamos com os alunos oficinas que abarcaram o planejamento, a produção de texto e a reescrita.

Percebemos que o planejamento serviu bastante para os alunos organizarem as suas ideias e a fazerem escolhas de palavras no processo de produção do texto. Neste sentido, esta etapa contribuiu para que houvesse certo progresso nas produções dos alunos, principalmente no que diz respeito ao aspecto lexical no que tange ao uso de sinônimos.

Dessa forma, as etapas que antecederam ao processo de escrita e reescrita, serviram para o amadurecimento dos alunos, levando-os a produzirem seus textos de forma reflexiva.

Neste contexto, salientamos que a trajetória percorrida desde as considerações teóricas, passando pela aplicação das oficinas até a análise dos dados contribuiu, a nosso ver, para que promovesse nos alunos autonomia no momento de escolher as palavras e relacioná-las no processo de produção do seu texto escrito. Apontou também para ricas contribuições de uma abordagem textual que envolveu o uso de sinônimos como elementos preponderantes para a construção da cadeia textual.

Assim, acreditamos que a presente pesquisa foi de grande relevância para os alunos do nono ano do ensino regular, cuja idade varia entre 13 e 15 anos, realizada numa Escola Municipal do Agreste pernambucano, pois os ajudou a produzir seus textos através de uma metodologia cujo foco principal foi trabalhar os sinônimos dentro da perspectiva coesiva.

Além disso, entendemos que a proposta de intervenção desenvolvida contribuiu, para processo de crescimento e de aprendizagem dos alunos, bem como para o nosso desenvolvimento profissional, enquanto professor-pesquisador, uma vez que as leituras teóricas desenvolvidas, a interação com os alunos e a análise dos resultados obtidos impulsionaram-nos à reflexão sobre a necessidade da nossa formação continuada para, posteriormente, protagonizarmos melhorias em nossa prática pedagógica e na qualidade da educação.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luíza M; ABAURRE, Maria Bernadete M. **Produção de texto:** interlocução e gêneros. São Paulo: Moderna, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos:** fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010;

ANTUNES, Irandé. **Aula de português:** encontro e interação. Fundamentos e práticas São Paulo: Parábola Editorial, 2003;

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras:** coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2010;

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola editorial, 2007;

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino:** outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009;

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras:** estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012;

ANTUNES, Irandé. Práticas pedagógicas para o desenvolvimento das competências em escrita. In: COELHO, Fábio André; PALOMANES, Roza. (Orgs.). **Ensino de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins fontes, 2003.

BEZERRA, Maria Auxiliadora et al. (org.). **Gêneros textuais e ensino.** São Paulo: Parábola, 2010;

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Dificuldades no uso adequado de vocabulário em textos escolares escritos. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **As palavras a sua companhia:** o léxico na aprendizagem das línguas. Pelotas: EDUCAT, 2000;

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editoria, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; TERZA, Cristóvão. **Oficina de texto.** 11 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2011;

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto em sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2011;

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao léxico**: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore; ELIAS Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014;

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10 ed. São Paulo: contexto, 2016.

KOCH, Ingedore; ELIAS Vanda Maria. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais e ensino. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 34-37;

MIRANDA, Ricardo José pinto. **Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental?** Um estudo no 1º Ciclo. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, 2009.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2005. (V. 31, nº 3, p. 443-466). Acesso:<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n.pdf>.

ANEXOS

ANEXO – 1

O Celular na vida dos Adolescentes



O CELULAR NA VIDA DOS ADOLESCENTES

Por Karine Rizzardi*

Tenho tido muita preocupação com o uso abusivo de celulares na mão dos jovens e isto é algo que já venho percebendo a algum tempo.

Se você for ao shopping e começar a prestar atenção nas mesas onde os pais estão sentados com seus filhos, é muito provável que um deles estará teclando com seus amigos e o pai/mãe fica de vitrine, como se tivessem de enfeite. Comunicação quase nula.

Quando os adolescentes estão sozinhos e comendo em lugares públicos, a impressão que dá é que a comida é um acessório insignificante, onde ao menos se percebe o gosto daquilo que está sendo digerido, pois o importante mesmo é se fazer presente nas redes sociais com os amigos ou paqueras.

É inegável os benefícios que o celular veio nos trazer, algo que inclusive tem auxiliado os pais na segurança dos filhos como os lugares onde estão, com quem estão e outros, mas não podemos esquecer que o uso exagerado desse instrumento

pode ser um meio de fuga dos problemas, dependência ou inclusive um meio de se sentir aceito pelo grupo.

Não se enganem, queridos jovens, tudo o que é exagerado está muito próximo dos motivos que levam ao uso de drogas. Também não se enganem, amados pais, pois muitos filhos só copiam aquilo que veem os pais fazendo e espero que não seja esse o caso de vocês.

Essa história de tentar conversar com os filhos para equilibrar o uso nem sempre dá certo, o que gera uma série de conflitos. Isso tudo é uma linda teoria, mas todos sabemos que não funciona assim na prática. Independente das circunstâncias, algumas regras devem ficar muito claras e tem que ser rigidamente obedecidas (tanto pelos filhos quanto pelos pais):

Vejo que os pais devem controlar o custo médio que os adolescentes gastam com isso. Na verdade até os pais teriam que controlar o gasto deles mesmos e vejo que muitos falham nesse quesito (principalmente os que tem mais dinheiro). Caso o valor fique ultrapassado do combinado, os filhos devem arcar com os extras tendo que fazer trabalhos caseiros ou fora de casa para suprir o gasto. Os pais devem cobrar até ocorrer a quitação do valor extra. Isso deve ser feito todo mês, não só de vez em quando só para “dar um susto”. Caso esta regra for desrespeitada, vale ter a suspensão do celular por tempo determinado.

O celular não deve ser substituto de afeto e carinho. Sei que os adolescentes estão no momento em que a presença dos pais não é tão importante, mas os pais devem saber o que está ocorrendo com eles. Isso, porém, deve ser conquistado desde a infância, não só quando os desafios da adolescência aparecem.

Independentemente do tempo e do meio, não podemos esquecer que celular significa um instrumento de comunicação e, como tal, esse contato deve ser iniciado em casa, não com colegas.

*A autora é psicóloga especialista de casais e família.

<https://www.udf.org.br/artigos/o-celular-na-vida-dos-adolescentes/>

ANEXO – 2

GERAÇÃO DO CELULAR

Inaê Soares da Silva

O uso do celular é considerado atualmente o maior entretenimento dos brasileiros, tem ocupado quase a metade das horas vagas da população e especialistas confirmam que as pessoas estão viciadas. Os usuários não usam o celular ou a internet apenas para olhar uma mensagem ou outra, e sim, ficam vidrados o dia inteiro, seja na rua, na praça, com os amigos e até mesmo no trabalho. As pessoas precisam aprender ter mais contato com o mundo real.

As crianças estão passando horas do seu tempo livre em frente ao computador ou no celular em jogos que poderiam ser utilizadas para uma leitura de bons livros ou para uma conversa com os amigos. Adultos chegam do trabalho já vão conferir as últimas atualizações dos aplicativos de relacionamentos e até idosos estão aderindo à nova tecnologia. A cultura da população está mudando e isso preocupa.

Acredito que as redes sociais foram criadas para que nós tivéssemos mais contato com as pessoas, mas está totalmente ao contrário. O que veio para aproximar, acabou afastando. As redes sociais estão fazendo as pessoas antissociais umas com as outras. A comunicação que prevalece é a virtual e a prática de boas atitudes humanas, como o “bom dia”, “por favor”, são raros.

Temos que incentivar às crianças, aos adolescentes e até aos adultos a se desconectarem do mundo virtual para se conectarem com o mundo real. Deixar o celular desligado quando estiver em família, curtir um passeio sem tantas selfies e dar preferência ao bate-papo olho-no-olho são situações que fortalecerão o relacionamento e o amor.

ANEXO – 3

Opinião - Celular em sala de aula: uma proibição necessária

22/06/2015 10:08 | Orlando Morando*

Atualmente, um assunto que vem despertando a atenção não só da comunidade acadêmica, mas da sociedade como um todo é a proibição do uso de celulares na sala de aula.

A proibição do seu uso em sala de aula é uma medida que se harmoniza com o ambiente em que o estudante está. A sala de aula é um local de aprendizagem, onde o discente deve se esforçar ao máximo para extrair do professor os conhecimentos da matéria. Nesse contexto, o celular é um aparelho que só vem dificultar a relação ensino-aprendizagem, visto que atrapalha não só quem atende, mas todos os que estão ao seu redor.

Um estudo divulgado no mês passado pela London School of Economics mostrou que alunos de escolas da Inglaterra que baniram os smartphones melhoraram em até 14% suas notas em exames de avaliação nacional.

O aumento acontece principalmente entre estudantes com conceitos mais baixos. Na faixa etária entre 7 e 11 anos, o banimento ajudou alunos com aproveitamento abaixo de 60% nas provas. Para o resto, não mudou nada.

Segundo os autores do estudo as distrações atingem todo mundo, mas são piores em alunos com celulares. E ainda piores naqueles com notas mais baixas.

O impacto da proibição, diz especialista, é o equivalente a uma hora a mais de aula por semana. O estudo "Tecnologia, distração e desempenho de estudantes" foi feito com 130 mil alunos desde 2001, em 91 escolas de quatro cidades.

Por que banir o uso do celular? Porque ter acesso fácil ao celular faz com o que aluno tenha mais chance de distração, o que pode levar a notas mais baixas; adolescentes ainda não têm maturidade para usar nos momentos apropriados; em ambientes liberados, é muito difícil para o professor monitorar a sala toda; a distração do smartphone é muito pior do que desenhar no caderno, por exemplo, porque o aluno entra em um 'universo paralelo'.

Enfim são inúmeras as razões para proibir o uso de celular nas salas de aula. O Estado São Paulo, mais uma vez, foi pioneiro nesse assunto e aprovou a lei 12.730 de 2007, de minha autoria, que proíbe o uso de telefone celular nas escolas.

Segundo a Nielsen Ibope, atualmente 15% dos 68 milhões de usuários da internet pelo celular no Brasil têm entre 10 e 17 anos, ou seja, a maioria dos adolescentes. Sendo assim, a fiscalização do uso do aparelho deve ser feita rigorosamente nas escolas pelos professores e diretores de ensino. Mas como esses números de usuários aumentam a cada dia, o momento é de ampliar a fiscalização e cumprir a Lei.

*Orlando Morando é deputado pelo PSDB e cumpre o quarto mandato na Assembleia Legislativa

<https://www.al.sp.gov.br/noticia/>

ANEXO – 4

Celular e adolescentes: uma relação perigosa

Por Líria Alves

Uma pesquisa feita em Flandres, na Bélgica, com 1.656 estudantes de 13 a 17 anos, revelou que o uso do celular à noite é prática recorrente entre os adolescentes e isso está diretamente relacionado ao aumento do nível de cansaço desses jovens após algum tempo.

A preocupação maior dos pais no que diz respeito à mídia, é com relação ao tempo que as crianças gastam vendo TV, ouvindo música ou navegando na Internet. O celular é visto como um simples aparelho de comunicação, útil em situações de emergência, mas os jovens hoje usam os meios de comunicação modernos de forma que os pais nem imaginam.

Casos de cansaço excessivo informado pelos adolescentes foram atribuídos ao abuso na utilização do celular, tanto em ligações quanto em trocas de mensagens de texto. Eles gastam muito tempo se conectando com outras pessoas, e alguns deles fazem isso a noite inteira.

Por outro lado, um melhor rendimento escolar está relacionado a uma boa noite de sono. Estudos revelam que adolescentes que dormem menos estão mais propensos a problemas cognitivos ou comportamentais em sala de aula. Os pais devem estar alerta: é preciso restringir ou proibir o uso do celular após a hora de dormir.

Especialistas recomendam que crianças e adolescentes tenham entre oito e dez horas de sono por noite para manter uma vida saudável e um bom desempenho durante o dia. Além disso, os pais que desconfiam que seus filhos estejam sofrendo de distúrbios do sono devem recorrer a consultas com pediatras ou especialistas na área. E dar conselhos como: durma bem para melhorar suas notas.
*<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/celular-adolescentes-uma-relacao-perigosa.htm> *Brasil Escola.**

ANEXO – 6

Celular em sala de aula: uma questão que divide opiniões

Professores e profissionais da Educação pensam diferente sobre o assunto

Presente de maneira extremamente significativa na vida de crianças, adolescentes e jovens, o celular já se tornou um item inseparável e companheiro em praticamente todas as atividades diárias, até na hora dos estudos. O tema não é novo e o debate sobre o uso dos celulares no ambiente escolar tem gerado posicionamentos bastante divergentes.

Existem leis aprovadas em âmbito estadual e municipal proibindo o uso de celulares em sala de aula e, atualmente, um projeto de lei está em análise na Câmara dos Deputados PL 105/15 que prevê a proibição do uso de aparelhos eletrônicos portáteis, como celulares e tablets nas salas de aula da Educação Básica e Superior de todo o país, com o objetivo de preservar a essência do espaço pedagógico.

Mas as discussões sobre o tema seguem caminhos diferentes. Enquanto alguns professores acreditam que os celulares podem tumultuar o comportamento em sala de aula, outros profissionais olham para questão de forma mais sensata e abrangente.

A jornalista espanhola Susana Pérez de Pablos é especializada em educação e acredita que no mundo atual, plenamente digitalizado, a entrada da tecnologia na educação não tem retorno. “Liguem os telefones celulares”. Essa é a frase que inicia o texto de sua coluna para o jornal El País, que trata de sete motivos para usar o celular em sala de aula.

Para a coordenadora do setor de Educação da Unesco no Brasil, Maria Rebeca Otero Gomes, ignorar o celular é algo impossível, pois ele se encontra presente em todos os lugares. Ela se declarou contra medidas que proíbem o uso do aparelho, principalmente porque a regra acaba sendo burlada. E defende a integração de tais inovações tecnológicas como ferramentas educativas.

Neste sentido, é essencial refletir sobre o papel do professor como intermediário do conhecimento e como ele pode ser treinado para incorporar os celulares e outros dispositivos de maneira inteligente e voltada para ampliar a aprendizagem. Além disso, é preciso analisar a percepção desses mesmos alunos quanto à eficácia de tais instrumentos no processo educacional.

Uma pesquisa sobre educação e desenvolvimento, realizada pelo Cetic.br, departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), que implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet do Brasil (Cgi.br), mostrou qual é a proporção de alunos por percepção sobre possíveis impactos das tecnologias de informação e comunicação – os resultados podem ser vistos clicando aqui.

É cedo para afirmar que o giz e a lousa definitivamente ficaram para trás, porém, não podemos negar que todos os dias as pessoas se tornam digitais, incorporando diferentes formas de interação, pesquisa e busca por informação.

<https://dialogando.com.br/educacao/geracao-conectada/celular-em-sala-de-aula-uma-questao-que-divide-opinioes/>

ANEXO – 7

PLANEJAMENTO DO ARTIGO DE OPINIÃO

1. Escolha um tema e um título atrativos.

Seja criativo, pois a primeira impressão do leitor está no texto. É para este que o artigo é escrito e deve ser levado a lê-lo. Tenha em atenção que o artigo deve estar relacionado com temas atuais e tendências, que despertem o interesse do seu interlocutor.

2. Defina o seu argumento.

Escolha a problemática (tese) que você deseja defender.

3. Sustente a sua opinião.

Sustente sua opinião com argumentos consistentes. Seria interessante que você citasse referências de autoridade para dar consistência a seu ponto de vista.

4. Seja curto e conciso.

Seja objetivo ao expor as suas ideias. Nem sempre escrever muito é sinônimo de saber mais ou escrever bem.

5. Adeque a sua linguagem ao leitor.

Recomenda-se usar a linguagem em terceira pessoa, pois essa predomina sobre essa modalidade de texto. Contudo, isso não impede de usá-la tendo em foco o leitor que se deseja interagir.

6. Conclua confirmando a ideia principal.

Retome a ideia inicial e termine o artigo comprovando essa mesma ideia.

ANEXO – 8

Aluno (a): _____ 9º ano B

Professor: Jailton Barbosa de Sousa

Assunto: Artigo de Opinião

Artigo de Opinião: definição e Usos

O artigo de opinião é um gênero discursivo claramente argumentativo que tem por objetivo expressar o ponto de vista do autor que o ensina sobre alguma questão relevante em termos sociais, políticos, culturais, etc. O caráter argumentativo do texto de opinião é evidenciado pelas justificativas de posições arroladas pelo autor para convencer os leitores da validade que faz.

Como jornais e revistas destinam a maior parte de seu espaço para textos informativos, é importante que haja alguns textos em que as notícias mais relevantes possam ser analisadas. É essa a principal função dos artigos de opinião.

Neles, jornalistas e pessoas que se destacam em seus campos de atuação (médicos, políticos, advogados, professores universitários, etc.) selecionam acontecimentos divulgados na mídia para submetê-los a um processo analítico que permita revelar suas consequências, discutir suas causas e defender uma posição a seu respeito.

O leitor encontra, nesse textos, um espaço de reflexão mais detalhada que, por vezes, o auxilia a compreender melhor o mundo em que vive, pode servir de base para formar sua própria opinião, ou ainda, confirma uma posição que já tem sobre determinado fato ou questão.

Deve-se destacar, porém, que nem sempre os artigos assinados apresentam uma opinião que coincide com a da publicação em que são divulgados. O jornal Folha de São Paulo, por exemplo, faz a seguinte advertência logo abaixo da coluna

“Tendências/debates”, espaço fixo para artigos assinados por pessoas que não fazem parte do seu quadro de jornalistas:

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

CONTEXTO E CIRCULÇÃO

Tradicionalmente, o espaço de circulação dos artigos de opinião são as colunas assinadas dos jornais diários e revistas semanais, que costumam contar com um quadro fixo de articulistas.

Essas colunas aparecem em diferentes setores (geral, política, economia, cultura, esporte, etc.) e a capacidade analítico-argumentativa de seus atores costuma conquistar leitores fieis para os veículos que os publicam. Há vários casos de articulistas que têm seus textos publicados em diferentes jornais, como Élio Gaspari e Joelmir Betting; ou cuja coluna já se tornou “marca registrada” de determinadas revistas, caso da seção “Ensaio”, assinada por Roberto Pompeu de Toledo, na revista Veja.

É cada vez mais frequente os principais colunistas de jornais e revistas reunirem, em livro, uma antologia dos seus melhores textos de opinião. Alguns deles estão indicados na seção “conexões”, deste capítulo.

Com a criação dos grandes portais de notícia na internet, a migração das colunas para esse espaço virtual foi natural. Hoje é possível encontrar portais que “publicam” não só articulistas brasileiros, como também a tradução dos textos de opinião que circulam em alguns dos mais importantes jornais estrangeiros, como The New York Times e Le Monde.

A mesma prática pode ser observada em revistas semanais: a Época traz textos de jornalistas como Christopher Hitchens, colunista da revista Vanity Fair, do The New York times e do New York Times e do The New York Review of Books, e do sociólogo Domenico De Mais, professor da Universidade La Sapienza (Roma).

OS LEITORES DOS ARTIGOS DE OPINIÃO

O perfil do leitor de artigos de opinião coincide, de modo geral, com o perfil do leitor da publicação em que tais artigos circulam.

ESTRUTURA

Como todo o texto de natureza argumentativa, os artigos de opinião são estruturados para convencer o leitor de que a perspectiva analítica adotada pelo autor do texto é a melhor. Geralmente esse gênero traz a seguinte estrutura:

Título. Antecipa para o leitor a questão ou o assunto que será analisada no texto.

Introdução. Contextualização da questão ou do assunto que será analisada.

Desenvolvimento. Composto por dois ou três parágrafos em que serão apresentados a posição do autor com relação a problemática abordada no texto. Nesses parágrafos serão apresentados os argumentos ou os contra-argumentos sobre o tema em questão.

Conclusão. Parágrafo que aborda a retomada da discussão apresentando um ponto de vista que traz uma suposta solução para o caso enfatizado no texto.

LINGUAGEM

O espaço de circulação e o perfil dos leitores de artigos de opinião definem o grau de formalidade que devem manter no uso da linguagem. Geralmente, jornais e articulistas fazem uso da modalidade escrita culta da língua portuguesa.

Não de vemos esquecer, porém, que os artigos de opinião admitem a expressão de uma perspectiva mais subjetiva, ainda que “controlada” pelo forte teor argumentativo desse gênero. Nesse sentido, é comum encontrarmos marcas da 1ª pessoa do singular em pronomes e verbos. O que não significa que os argumentos utilizados sejam “pessoais”.

ANEXO – 9

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O USO DE SINÔNIMOS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS DE OPINIÃO NO 9º ANO: ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: JAILTON BARBOSA DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 14119419.8.0000.5187

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.436.668

Apresentação do Projeto:

Considerando que grande parte dos alunos se depara com dificuldades quando lhes é solicitado a redigir um texto e que a maioria costuma usar repetições de palavras aleatórias, não como parte de um elemento coesivo ou sequencial, mas por não ter um repertório linguístico suficiente para usá-lo com adequação seja qual for o gênero textual, o pesquisador se propõe a desenvolver uma pesquisa-ação de cunho interventivo com a produção de textos a partir de uma sequência de atividades que envolva aspectos da leitura e da escrita de textos do gênero artigo de opinião. Nessa perspectiva, serão realizadas oficinas de textos visando aprimorar habilidades de escrita pela apropriação dos recursos linguísticos relacionados a escolhas e usos de sinônimos.

Objetivo da Pesquisa:

Estudar uso de sinônimos na produção de textos de artigo de opinião, numa turma de nono ano.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Mediante a relevância do projeto e o que estabelece a Resolução 466/2012, entende-se que a pesquisa apresenta risco mínimo, uma vez que o estudo emprega atividades e materiais didáticos concernentes e adequados ao ambiente escolar e ao público-alvo da proposta de intervenção (9º ano do Ensino Fundamental), tais como, leitura, interpretação, discussão e produção de textos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta fundamentação teórico-metodológica coerente e consistente, relevância e

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

ANEXO – 10

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 3.436.668

pertinência, levando-se consideração a ponderação entre riscos e benefícios, bem como exequibilidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A apresentação dos termos encontra-se de acordo com a lista de checagem para protocolo de pesquisa conforme exigência da plataforma brasil, prevista na Resolução nº 466/2012.

Recomendações:

Recomenda-se envio do Relatório quando da realização da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando a relevância, a consistência dos fundamentos e dos argumentos, bem como sua exequibilidade o parecer é favorável à sua realização.

Considerações Finais a critério do CEP:

O pesquisador deve disponibilizar o relatório final da pesquisa, conforme as orientações da CONEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|--------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1339909.pdf | 19/05/2019 20:07:18 | | Aceito |
| Outros | concordancia.pdf | 19/05/2019 16:08:58 | JAILTON BARBOSA DE SOUSA | Aceito |
| Outros | compromisso.pdf | 19/05/2019 15:59:41 | JAILTON BARBOSA DE SOUSA | Aceito |
| Outros | consentimento.pdf | 19/05/2019 15:40:55 | JAILTON BARBOSA DE SOUSA | Aceito |
| Outros | Institucional.jpg | 19/05/2019 15:31:44 | JAILTON BARBOSA DE SOUSA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETO.pdf | 19/05/2019 14:32:56 | JAILTON BARBOSA DE SOUSA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TERMO__ASSENTIMENTO_.pdf | 19/05/2019 14:10:50 | JAILTON BARBOSA DE SOUSA | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto.pdf | 19/05/2019 13:53:03 | JAILTON BARBOSA DE SOUSA | Aceito |

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

ANEXO – 11

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 3.436.668

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 04 de Julho de 2019

Assinado por:

Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário

Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753

UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

APÊNDICES

APÊNDICE – 1

Aluno (a): _____

Série: 9º ano B

Exercício - (uso de sinônimos)

1. Leia com atenção a conversa entre uma professora e duas alunas.

– Quem gostou do conto que acabamos de ler? – perguntou a professora.

– Eu achei a história engraçada – respondeu Bia.

– Eu achei a história divertida – comentou Larissa.

2. Agora responda:

a) Bia e Larissa tiveram opiniões diferentes sobre a história?

b) Que palavras ajudaram você a descobrir? Escreva-as.

3. As palavras que você escreveu são chamadas de sinônimos. Complete a frase a seguir com o que você entendeu da explicação acima.

Sinônimos são palavras

4. Ordene as sílabas para formar palavras. Em seguida, escreva um sinônimo para cada palavra que você descobriu.

a) con-en-tra

d) te-va-len

b) bo-ro-so-sa

e) gra-le-a

c) ro-li-gei

f) guar-a-dar

5. Reescreva as frases abaixo, substituindo as palavras em destaques por um sinônimo.

a) Tânia me **auxiliou** na pesquisa.

b) Verônica é muito **carinhosa** com seus filhos.

c) O cabelo de Mariana está **comprido**.

d) No início do ano, Marcelo se tornou meu **amigo**.

e) O gato saltou o **muro**.

6. Leia o texto a seguir

Surpresa para Laura

Laura tem oito anos e gosta muito da escola onde estuda. Um dia, ao chegar em casa, seus pais disseram que ela teria de mudar para uma escola mais próxima de sua casa. Espantada com a notícia, a garota correu para seu quarto e lá permaneceu trancada por algum tempo.

Depois de pensar melhor, Laura ficou mais tranquila e compreendeu que essa alteração poderia ser interessante, pois além de não precisar mais tomar o ônibus, teria a chance de fazer novos amigos e conhecer outros professores.

7. Quais as palavras ou expressões foram usadas no texto para substituir. **Laura, notícia, quarto, alteração?**

8. Na sua opinião os sinônimos têm apenas a função de substituir uma palavra por outra?

9. Leia o parágrafo a seguir.

Mariana é uma **bela** moça. Desde pequenina sempre foi **bela**. A irmã de Mariana também é bela.

Como você viu, a palavra bela foi usada mais de uma vez. Veja como poderíamos proceder caso quiséssemos evitar a repetição dessa palavra.

Mariana é uma bela moça. Desde pequenina sempre foi bonita. A irmã de Mariana também é formosa.

O que foi feito para evitar a repetição da palavra “bela”?

10. Agora, copie no caderno as frases a seguir. Completando-as com sinônimos das palavras em destaque.

a) Ele é um cachorro muito **comilão**. É tão _____ que come num minuto toda ração do prato.

b) Júnior foi muito **rápido** na corrida. Ele ganhou até do Cláudio que sempre foi o mais _____ da turma.

- c) Lucas mora **próximo** à escola. Juliana e Marcela também moram _____ de onde estudam.
- d) Minha tia **reside** na rua Pará e minha avó _____ na rua Paranaguá.
- e) O time dos **meninos** ganhou o jogo. Os _____ jogaram muito bem.

APÊNDICE – 2

Interpretação do texto

1. Qual a opinião defendida pelo texto?
2. Que argumentos o autor apresenta em defesa de sua opinião?
3. Que informações o autor apresenta para sustentar seus argumentos?
4. Que tipo de linguagem foi utilizada? (Formal ou informal?).
5. Essa linguagem está em 1ª ou 3ª pessoa?
6. O tipo de vocabulário utilizado no texto é adequado para o tipo de leitor que se desejou alcançar?
7. O vocabulário assustou você? Ou seja, no texto contém expressões que você não entendeu? Quais? Pesquisem num dicionário essas palavras.

APÊNDICE – 5

Interpretação do texto

1. Quais as opiniões defendida no texto?
2. Que argumentos foram usados para defender as opiniões expostas?
3. Que referências foram citadas pelos profissionais que opinaram para sustentar os seus argumentos?
4. Que tipo de linguagem foi utilizada?
5. Faça uma comparação do presente texto com o texto analisado anteriormente (Celular em sala de aula: uma proibição necessária) quanto a sua estrutura.
6. Que tipo de interlocutor se desejou alcançar?
7. Na sua opinião, o tipo de vocabulário utilizado no texto é adequado para alcançar esse interlocutor? Justifique a resposta.
8. Quais as soluções você apresenta para um melhor aproveitamento do uso do celular em sala de aula?

